

P.C. CAST + KRISTIN CAST



escondida

UM ROMANCE DA CASA DA NOITE

Tradução de Susana Serrão

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

*Dedicado àqueles que cometem erros,
que têm a coragem de os corrigir e a sensatez de aprender com eles.*

AGRADECIMENTOS

Eu e a Kristin gostaríamos de agradecer à nossa família na St. Martin's Press. Ficamos encantadas com uma equipa que adora o mundo da Casa da Noite como nós adoramos. Um obrigada especial à esforçada equipa de produção por cumprir prazos tão apertados! Vocês são fantabulosos e fabulásticos!

Mais uma vez gostaríamos de mostrar o nosso apreço pela comunidade de Tulsa. O vosso apoio e entusiasmo pela Casa da Noite comovem-nos e centram-nos na terra a que temos o orgulho de chamar nossa.

Obrigada, CZ. Tu sabes porquê. Beijos e abraços.

Como sempre, agradecemos à nossa amiga e agente, Meredith Bernstein, sem ela a Casa da Noite não existiria. Adoramos-te de paixão!



PRIMEIRO CAPÍTULO

Lenóbia

O sono de Lenóbia estava tão agitado que o sonho assumiu um ar de realidade capaz de se sobrepor ao reino etéreo das fugas e fantasias do subconsciente, e ficou dolorosamente vívido.

Começou com uma recordação. As décadas, e depois os séculos, passaram e deixaram Lenóbia a sentir-se jovem e ingênua outra vez, e no compartimento de carga do navio que a levava de França para a América – de um mundo para o outro. Fora nessa viagem que Lenóbia conheceria Martin, o homem que deveria ter sido seu Parceiro enquanto vivesse. Antes pelo contrário, morrera novo de mais e levava o amor dela para a sepultura.

No sonho, Lenóbia sentia o balouço suave do navio e o cheiro de cavalos e palha, mar e peixe – e Martin. Sempre Martin. Olhava para ela com olhos que eram cor de azeitona e âmbar, e preocupação. Ela acabara de lhe dizer que o amava.

— *É impossível.* — A memória onírica passou na sua mente outra vez quando Martin lhe pegou na mão e a levantou devagar. Depois levantou o próprio braço até os dois ficarem lado a lado. — *Estás a ver a diferença?*

Lenóbia adormecida soltou uma exclamação de dor. O som da voz dele! Aquele sotaque crioulo distinto – fundo, sensual, único. Era o som da voz dele e daquele belíssimo sotaque que mantinham Lenóbia longe de Nova Orleães há mais de duzentos anos.

— *Não.* — A jovem Lenóbia respondera à pergunta e olhara para os braços deles, um branco, outro moreno, juntos. — *Só te vejo a ti.*

Ainda profundamente adormecida, Lenóbia, Mestre de Equitação

da Casa da Noite de Tulsa, dava voltas na cama, como se o corpo tentasse obrigar a mente a acordar. Só que nesta noite a mente não queria obedecer. Nesta noite, os sonhos e aquilo que poderia ter sido eram soberanos.

A sequência de recordações mudou para outra cena, ainda no porão do mesmo navio, ainda com Martin, mas dias mais tarde. Ele estava a dar-lhe uma longa fita de couro que prendia uma bolsinha num profundo tom azul-safira. Martin pendurou-lha ao pescoço e disse:

— *Este gris-gris protege-te, chérie.*

No espaço de um batimento de coração, a lembrança esfumou-se e o tempo avançou um século. Uma Lenóbia mais velha, mais sensata mas também mais desencantada, tinha nas mãos a bolsinha aberta e a derramar o recheio – treze coisas, tal como Martin lhe dissera – mas a maioria ficara irreconhecível naquele século em que ela usara o amuleto. Lenóbia lembrou-se de um leve aroma a zimbro, da sensação de uma bolinha de barro macia antes de esta se esboroar, e da pequena pena de pomba que se lhe desfizera nas mãos. Acima de tudo, Lenóbia lembrou-se da alegria fugaz que sentira quando, no meio dos vestígios do amor e da proteção de Martin, descobrira algo que o tempo não pudera erodir. Era um anel – uma esmeralda em forma de coração, rodeada de diamantes pequeninos, tudo engastado em ouro.

— O coração da tua mãe... O teu coração... O meu coração... — sussurrara Lenóbia quando o passara pelos nós do dedo anelar. — Ainda penso em ti, Martin. Nunca me esqueci. Fiz uma promessa.

E as recordações do sonho ressurgiram outra vez, levaram Lenóbia de volta a Martin, só que dessa vez não estavam em alto-mar a encontrarem-se no porão e a apaixonarem-se. Esta recordação era tenebrosa e terrível. Mesmo a sonhar, Lenóbia soube o local e a data: Nova Orleães, 21 de março de 1788, pouco depois do pôr-do-sol.

Na estrebaria tinha deflagrado um incêndio e Martin salvara-a, levava-a ao colo para longe das chamas.

— Oh, não! Martin, não! — exclamara Lenóbia na altura, e agora gemia no sonho, a tentar acordar para não reviver o terrível final da recordação.

Não acordou. Antes pelo contrário, ouviu o seu único amor repetir as palavras que lhe tinham destroçado o coração duzentos anos antes, e que atacavam uma ferida renovada e reaberta.

— *Tarde de mais, chérie. Este mundo é tarde de mais para nós. Mas voltarei a ver-te. O meu amor por ti não acaba aqui. O meu amor por ti não acaba nunca... Hei de encontrar-te outra vez, chérie. Prometo.*

Quando Martin capturou o humano malvado que a quisera

escravizar, e depois voltara com ele à estrebaria em chamas, salvando assim a vida de Lenóbia, a Mestre de Equitação conseguiu finalmente despertar com um soluço violento. Sentou-se na cama e, com uma mão trémula, tirou o cabelo empapado em suor da cara.

Assim que acordou, Lenóbia pensou na sua égua. Pela ligação psíquica que tinham, percebeu que *Mujaji* estava agitada, quase em pânico.

— Sossega, belíssima, volta a dormir. Estou bem. — Lenóbia falou em voz alta, enviou ondas tranquilizadoras à égua negra com quem tinha um vínculo especial. Sentiu-se culpada por transtornar *Mujaji*, curvou a cabeça e concentrou-se na mão onde tinha o anel; começou a fazê-lo rodar no dedo.

— Para de ser tolinha — disse Lenóbia firmemente de si para consigo. — Foi apenas um sonho. Estou a salvo. Não voltei lá. O que aconteceu então não me pode fazer mais mal do que já fez. — Lenóbia mentia a si própria. *Posso sofrer outra vez. Se Martin tiver voltado – voltado mesmo –, o meu coração pode sofrer outra vez.* Outro soluço tentou escapar-se-lhe dos lábios, mas Lenóbia fechou-os bem e obrigou-se a dominar as emoções.

Ele pode não ser o Martin, disse ela firmemente de si para consigo, e com toda a lógica. Travis Foster, o novo humano contratado por Neferet para ajudar Lenóbia na estrebaria, era simplesmente uma distração bem-parecida – ele e a sua bonita e enorme égua Percheron.

— E deve ter sido por isso que Neferet o contratou — resmungou Lenóbia. — Para me distrair. E a Percheron não passa de uma coincidência estranha. — Lenóbia fechou os olhos e bloqueou as recordações que assomavam do passado, e depois repetiu em voz alta: — Travis pode não ser a reencarnação de Martin. Sei que a minha reação a ele é invulgarmente forte, mas há muito tempo que não tenho um amante. — *Tu nunca tiveste um amante humano – prometeste nunca ter*, lembrou-lhe a consciência. — Está simplesmente mais do que na altura de ter um amante vampyro, mesmo que seja por pouco tempo. E esse tipo de distração vai fazer-me bem. — Lenóbia tentou entreter a imaginação a fazer uma lista de Guerreiros Filhos de Erebus bem-parecidos mas, na sua cabeça, não via os corpos fortes e musculados deles, estava sempre a congeminar olhos castanhos mesclados do familiar tom de azeitona e um sorriso pronto...

— Não! — Não iria pensar nisso. Não iria pensar *nele*.

E se Travis pudesse mesmo encerrar a alma de Martin?, sussurrava, provocadora, a mente errante de Lenóbia. *Ele deu-me a sua palavra de que me voltaria a encontrar. Talvez tenha voltado.*

— E depois? — Lenóbia pôs-se de pé e começou a andar de um

lado para o outro. — Conheço bem de mais a fragilidade dos humanos. Morrem facilmente, e hoje o mundo ainda é mais perigoso do que era em 1788. O meu amor acabou em desgosto e chamas. Uma vez bastou. — Lenóbia parou e escondeu a cara nas mãos, pois o coração sabia a verdade, e espalhou-a pelo corpo e pela alma, e fez dela realidade. — Sou uma cobarde. Se Travis não for Martin, não me quero abrir para ele, correr o risco de amar outro homem. Se ele for Martin reencarnado, não posso suportar o inevitável, que o voltarei a perder.

Lenóbia sentou-se pesadamente na cadeira de balouço que pusera à janela do quarto. Gostava de ler ali sentada e, se não conseguisse dormir, a janela estava virada a leste e ela podia assistir ao nascer do Sol e ver os campos ao lado da estrebaria. Embora Lenóbia apreciasse a ironia, não podia deixar de gostar da luz da manhã. Vampyra ou não, no seu âmago seria sempre uma rapariga que adorava manhãs e cavalos e um humano alto cor de café que morrera há muito tempo quando ainda era jovem de mais.

Os ombros dela soçobraram. Há décadas que não pensava assim tanto em Martin. Aquela recordação renovada era uma faca de dois gumes – de um lado, ela lembrava-se do sorriso, do cheiro, do toque dele; do outro, a recordação também evocava o vazio que a ausência dele deixara. Durante mais de duzentos anos, Lenóbia fizera luto por uma possibilidade perdida – uma vida desperdiçada.

— O nosso futuro ardeu com o fogo. Foi destruído nas labaredas do ódio e da obsessão e do mal. — Lenóbia abanou a cabeça e secou os olhos. Tinha de dominar as emoções. O mal ainda andava a queimar um rasto na Luz e no bem. Lenóbia respirou fundo para se centrar e concentrou o pensamento num tema que a apaziguava sempre, por mais caótico que o mundo à sua volta estivesse: cavalos – *Mujaji*, em particular. A Mestre de Equitação já se sentia mais calma, e começou a sondar com aquela parte especial do seu espírito em que Nyx tocara, a que a Deusa dera afinidade com os cavalos, no dia em que Lenóbia fora Marcada, aos dezasseis anos. Não tardou a encontrar a égua, e sentiu-se logo culpada pela agitação que via espelhada em *Mujaji*.

— Sossega — disse Lenóbia outra vez, e repetiu em voz alta o conforto que estava a enviar pelo vínculo que tinha com a égua. — Estou só a ser tolinha e a ter pena de mim mesma. Vai passar, tens a minha promessa, doce amiga. — Lenóbia concentrou uma onda de calor e amor na sua égua da cor da noite e, como sempre, *Mujaji* recuperou a própria calma.

Lenóbia fechou os olhos e exalou profundamente. Até podia ver a

égua, negra e linda como a noite, finalmente a assentar, a fletir uma pata traseira, e a cair num sono sem sonhos.

A Mestre de Equitação concentrou-se na égua, bloqueou o tumulto causado pela chegada do jovem cowboy à sua estrebaria. *Amanhã*, prometeu a si mesma, sonolenta, *amanhã vou deixar bem claro ao Travis que nunca seremos mais do que patroa e empregado. A cor dos olhos e a maneira como ele me faz sentir, tudo isso começará a passar quando me distanciar dele. Tem de ser... Tem de ser...*

Por fim, Lenóbia adormeceu.

Neferet

Embora o felino não estivesse vinculado a ela, *Facho de Sombra* veio de livre vontade ao chamado de Neferet. Felizmente que as aulas já tinham terminado por aquela noite, de modo que quando o gatarrão Maine Coon foi ter com ela ao meio da casa de campo, esta estava na obscuridade e vazia – já não havia por ali alunos; o próprio Dragão Lankford também estava ausente, mas talvez fosse apenas temporariamente. Ela só vira alguns iniciados vermelhos a caminho dali. Neferet sorriu, satisfeita a pensar em como tinha conseguido juntar os vermelhos transviados à Casa da Noite. Que possibilidades caóticas amorosas eles constituíam – especialmente depois de ela ter garantido que o círculo de Zoey se dissolveria e que a sua melhor amiga, Stevie Rae, ficaria devastada a chorar a morte do amante.

A ideia de que estava a garantir dor e sofrimento futuros para Zoey agradava incomensuravelmente a Neferet, mas era demasiado disciplinada para se permitir vanglórias antes de o sortilégio sacrificial estar concluído e as ordens dela em movimento. Embora a escola estivesse invulgarmente sossegada nessa noite, praticamente abandonada, a verdade era que qualquer um podia aparecer na casa de campo. Neferet tinha de trabalhar depressa e sem barulho. Não faltaria tempo para se deleitar com o fruto dos seus esforços mais tarde.

Falou baixinho com o gato, chamou-o para mais perto e, quando ele se chegou o suficiente, ela ajoelhou-se para ficar ao mesmo nível. Neferet achava que o gato ficaria cauteloso com ela – os gatos sabiam ver coisas. Era muito mais difícil enganá-los do que aos humanos, iniciados ou até vampyros. O próprio gato de Neferet, *Skylar*, recusara mudar-se para o apartamento no último andar do edifício Mayo e preferia andar pelas

sombras da Casa da Noite a observá-la com o ar sabedor daqueles grandes olhos verdes.

Facho de Sombra não era cauteloso.

Neferet chamou. *Facho de Sombra* chegou-se mais, franqueou a distância que faltava entre eles. O gatarrão não era amigável – não se esfregou nela nem a marcou afetuosamente com o seu odor – mas acercou-se dela. A obediência dele era tudo o que Neferet queria. Não queria afeto; queria a vida dele.

A Tsi Sgili, Consorte imortal da Escuridão, e anterior Sumo-Sacerdotisa da Casa da Noite, não sentiu mais que uma sombra de mágoa quando acariciou o lombo comprido cinzento tigrado do Maine Coon. O pelo era macio e espesso por cima do corpo atlético e flexível. Tal como o Dragão Lankford, o Guerreiro que ele escolhera para seu dono, *Facho de Sombra* era possante e estava no auge da vida. Era uma pena que fosse preciso para uma causa nobre. Uma causa nobilíssima.

A mágoa de Neferet não era o mesmo que hesitação. Recorreu à afi- nidade com felinos que a Deusa lhe dera e veiculou calor e conforto pela palma da mão para o felino que já se mostrava confiante. Enquanto a mão esquerda o afagava, o encorajava a arquear o corpo e a começar a ronronar, a mão direita apareceu rápida como uma cobra e, empunhando o *athame* afiadíssimo, fez um corte rápido e limpo no pescoço de *Facho de Sombra*.

O gatarrão não fez ruído algum. O corpo sacudiu-se, tentou afastar-se dela, mas a mão dela agarrou bem no pelo, segurou-o tão perto que o sangue jorrou no corpete do vestido de veludo verde dela.

Os fios de Escuridão que estavam sempre presentes em redor de Neferet latejaram e tremeram com a expectativa.

Neferet não lhes ligou.

O gato morreu mais depressa do que ela imaginara, e por isso Neferet sentiu-se grata. Não estava à espera que o gato olhasse para ela, mas o felino do Guerreiro susteve o olhar dela até depois de tombar na areia do chão da casa de campo e quando já não podia debater-se, e ficou a respirar superficialmente, a contorcer-se em silêncio, e a olhar.

Neferet despachou-se enquanto o gato ainda estava vivo e começou o sortilégio. Com a lâmina do *athame* ritual, Neferet desenhou um círculo em redor do corpo moribundo de *Facho de Sombra*, e o sangue derramado foi-se acumulando e criando um fosso escarlata em miniatura.

Depois Neferet pôs a palma da mão no sangue ainda quente, fora do círculo, ergueu as duas mãos – uma ensanguentada, outra com a faca de gume escarlata – e entoou:

*Este sacrifício para mandar
A Escuridão controlar
Aurox para me acatar
Refaim para ele matar.*

Neferet parou e deixou que os tentáculos pegajosos da Escuridão roçassem nela e se juntassem todos em círculo. Sentia a ânsia deles, o desejo, a necessidade, o perigo. Acima de tudo, sentia-lhes o poder.

Para concluir o sortilégio, Neferet mergulhou a lâmina do *athame* no sangue e escreveu diretamente na areia com ela, encerrando assim o encantamento:

*Sangue, morte e conflito são a paga
Obrigo o Veículo a ser a minha adaga.*

Com a imagem de Aurox na cabeça, Neferet entrou no círculo e cravou a lâmina no corpo de *Facho de Sombra*, prendendo-o ao chão da casa de campo enquanto soltava os tentáculos da Escuridão para poderem deleitar-se com a dor e o sangue.

Depois de o gato ficar exangue e morto, Neferet disse:

— O sacrifício está feito. O sortilégio lançado. Façam o que lhes mando. Obriguem Aurox a matar Refaim. Obriguem Stevie Rae a transportar o círculo. Obriguem o sortilégio de revelação a fracassar. Agora!

Como um ninho de víboras agitadas, os tentáculos de Escuridão rastejaram rumo à noite, saíram da casa de campo e dirigiram-se a um campo de alfazema e ao ritual que já se estava a desenrolar.

Neferet ficou a ver e a sorrir de satisfação. Um dos tentáculos de Escuridão, grosso como um braço dela, vergastou a porta que dava da casa de campo para os estábulos. O som de vidro a partir-se chamou a atenção de Neferet.

Curiosa, a Tsi Sgili avançou. Com o cuidado de não fazer barulho, e ocultando-se na sombra, Neferet espreitou os estábulos. Os olhos cor de esmeralda arregalaram-se de surpresa. O tentáculo de Escuridão fora desajeitado. Derrubara uma das lamparinas a gás pendurada num gancho, não muito longe dos fardos de palha meticulosamente empilhados que Lenóbia escolhia a dedo para as suas criaturas. Neferet ficou a ver, fascinada, quando um tufo de palha pegou fogo, crepitou e depois, com um clarão amarelado e ruído de sucção, deflagrou completamente.

Neferet olhou para a fila de cocheiras fechadas. Só se viam os

contornos de alguns cavalos. A maioria a dormir. Outros a comer preguiçosamente, já instalados para a alvorada iminente e o descanso que o Sol lhes traria até se pôr, e os alunos a chegarem para mais aulas infundáveis.

Neferet virou costas aos estábulos e fechou bem a pesada porta que dava para a casa de campo. Parecia que Stevie Rae não seria a única a chorar esta noite. A ideia contentou Neferet, e deixou a casa de campo e o massacre que lá deixara, sem ver a pequena gata branca que se acercou do corpo inanimado de *Facho de Sombra*, se enrolou ao lado dele e fechou os olhos.

Lenóbia

A Mestre de Equitação acordou com um mau pressentimento terrível. Confusa, Lenóbia passou as mãos pelo rosto. Adormecera na cadeira de balouço perto da janela e aquele despertar súbito parecia mais um pesadelo do que realidade.

— Que tolice — resmungou ela em voz de sono. — Tenho de me concentrar outra vez. — A meditação ajudara-a a acalmar as ideias do passado. Lenóbia respirou fundo.

E foi assim que lhe chegou o cheiro – fogo. Um estábulo a arder, mais especificamente. Lenóbia rangeu os dentes. *Rua, fantasmas do passado! Estou velha de mais para estas gracinhas.* Depois um ruído ominoso fez Lenóbia sacudir o torpor que lhe turvava a mente e ir à janela correr as pesadas cortinas pretas. A Mestre de Equitação olhou para baixo, horrorizada.

Não era sonho.

Não era imaginação sua.

Era um pesadelo que ganhara vida.

As labaredas lambiam as paredes do edifício e, diante dos olhos de Lenóbia, as portas duplas a um canto escancararam-se e viu-se, recortada no fumo e nas chamas, a silhueta de um cowboy alto a tirar de lá uma enorme égua Percheron cinzenta e uma égua negra como a noite.

Travis soltou as éguas, enxotou-as para o recinto da escola e para longe dos estábulos a arder, e depois correu para dentro do âmago do incêndio no edifício.

Tudo dentro de Lenóbia entrou em ação quando o que ela vira apagou o medo e a dúvida.

— Não, Deusa, outra vez, não. Já não sou uma rapariguinha assustada. Desta vez o fim dele será outro!



SEGUNDO CAPÍTULO

Lenóbia

Lenóbia saiu do quarto a correr, galgou os degraus até ao rés-do-chão e aos estábulos. O fumo saía como uma cobra por debaixo da porta. Lenóbia dominou o pânico e encostou a palma da mão à madeira. Não estava quente, e a Mestre de Equitação escancarou-a e avaliou a situação rapidamente enquanto avançava para os estábulos. O fogo ardia com mais ferocidade na outra ponta do edifício, onde estavam guardados o feno e a ração. Também era a zona mais perto da cocheira de *Mujaji*, e da grande cocheira para potros onde *Formosa*, a Percheron, e o seu Travis se tinham instalado.

— Travis! — chamou Lenóbia, e ergueu o braço para escudar o rosto do calor das chamas que se avolumavam; não parou, continuou a correr e a abrir cocheiras para libertar os cavalos mais próximos. *Sai, Perséfone, vai!* Lenóbia deu um empurrão à égua ruana, que estava paralisada de medo e se recusava a sair. Quando passou por ela a trote e franqueou a saída, Lenóbia chamou outra vez.

— Travis! Onde estás?

— A soltar os cavalos mais próximos do fogo! — bradou ele, e uma jovem égua cinzenta irrompeu na direção da voz dele e quase derrubava Lenóbia.

— Calma! Calma, *Anjo* — apaziguou Lenóbia, e orientou a égua aterrada para a saída.

— A saída oriental está tapada pelas chamas e eu... — As palavras de Travis deixaram de se ouvir quando as janelas da sala dos arreios se estilhaçaram e voaram bocados de vidro quente pelo ar.

— Travis! Sai daqui e chama os bombeiros! — gritou Lenóbia

quando abriu a cocheira mais próxima e soltou um animal castrado, a maldizer-se por não ter agarrado no telemóvel antes de sair do quarto.

— Acabei de ligar! — Uma voz desconhecida. Lenóbia perscrutou o fumo e as chamas e viu uma iniciada a correr na sua direção, com uma égua alazã completamente em pânico.

— Está tudo bem, *Diva*. — Lenóbia acalmou a égua rapidamente, e tirou a arreata à rapariga. A égua aquietou-se ao toque da Mestre de Equitação, e esta desatou as rédeas e encorajou a égua a galopar pela porta mais próxima na direção dos outros cavalos. Depois puxou a rapariga para trás consigo, para longe do calor abrasador, e perguntou:

— Quantos cavalos? — mas calou-se ao ver que a meia-lua na testa da iniciada era vermelha.

— Acho que já faltam poucos. — A mão da iniciada vermelha tremia quando ela limpou suor e fuligem da cara, a ofegar. — Eu... Eu agarrei na *Diva* porque sempre gostei dela e achei que ela se lembraria de mim. Mas também estava atterrada. Aterrorizada.

Lenóbia reconheceu a rapariga – Nicole. Tivera jeito para cavalos e bom porte na garupa antes de morrer e desmorrer e se juntar ao grupo transviado de Dallas. Mas não havia tempo para interrogar a rapariga. Não havia tempo para nada tirando salvar os cavalos – e Travis.

— Fizeste bem, Nicole. Podes lá voltar?

— Posso — assentiu Nicole sincopadamente. — Não quero que morram queimados. Faço tudo o que a Lenóbia me disser.

Lenóbia pôs a mão no ombro da iniciada.

— Só preciso que abras as cocheiras e que saias do caminho. Eu ponho-os a salvo.

— Está bem, está bem. Isso posso fazer — assentiu Nicole. Parecia ofegante e assustada, mas seguiu Lenóbia sem hesitar e as duas voltaram a correr para o rodopio de calor dos estábulos.

— Travis! — chamou Lenóbia, a tossir, a tentar ver no meio do fumo cada vez mais espesso. — Consegues ouvir-me?

Por cima do crepitar das chamas, ele bradou:

— Sim! Estou cá atrás. Preso numa cocheira!

— Abre a cocheira! — Lenóbia recusava-se a ceder ao pânico. — Abre-as todas! Eu posso chamar os cavalos a mim, e pô-los a salvo. Posso fazê-los sair. Segue-os. Posso guiá-los todos para fora!

— Já está aberta! — gritou Travis pouco depois, do meio do fumo e do calor.

— Estas também estão abertas! — exclamou Nicole mais perto.

— Agora sigam os cavalos e saiam dos estábulos! Vocês os dois!

— bradou Lenóbia antes de se lançar a correr, a arrepiar caminho, para longe do fogo e rumo às portas duplas da entrada que deixara escancaradas. Ali ergueu os braços e abriu as palmas das mãos, imaginando que buscava poder diretamente no Outro Mundo e no reino místico de Nyx; Lenóbia abriu o coração, a alma, a dádiva da Deusa e clamou:

— Venham, minhas belas filhas e filhos! Sigam a minha voz e o meu amor para viverem!

Parecia que explodiam cavalos de dentro do fumo espesso e das chamas. O terror deles era tão palpável para Lenóbia que era quase um ser vivo. Ela compreendia – o terror das chamas, do fogo e da morte – e veiculou força e serenidade de si para os cavalos que passavam a galope por ela rumo ao recinto da escola.

A iniciada vermelha cambaleou, a sorrir, atrás deles.

— Já está. Não há mais cavalos — disse ela, e deixou-se cair na relva.

Lenóbia mal olhou para Nicole. Tinha as emoções focadas na manada inquieta atrás de si, e os olhos fixos no fumo espesso e nas labaredas diante de si, e de onde Travis não saía.

— Travis! — gritou ela.

Não houve resposta.

— O fogo está a alastrar depressa — disse a iniciada vermelha, ainda a tossir. — Pode ter morrido.

— Não — disse Lenóbia firmemente. — Desta vez, não. — Virou-se para olhar para a manada, e chamou a sua adorada égua:

— *Mujaji!* — A égua relinchou e avançou para a Mestre de Equitação, a qual levantou a mão para a deter. — Tem calma, meu doce. Toma conta do resto dos meus filhos. Dá-lhes a tua força e serenidade, e o meu amor. — A égua, relutante mas obediente, começou a rodear os grupos de cavalos aterrados, a juntá-los. Satisfeita, Lenóbia virou costas, respirou fundo duas vezes e correu para a boca do incêndio.

O calor era terrível. O fumo era tão denso que ela achou que respirava um líquido a ferver. Por instantes, Lenóbia sentiu-se transportada de volta àquela noite terrível em Nova Orleães e outro celeiro em chamas. As cicatrizes das costas arderam com a memória fantasmática da dor e, por momentos, o pânico dominou-a, prendeu Lenóbia ao passado.

Depois ouviu-o tossir, e o pânico foi varrido pela esperança, deixou que o presente e a força de vontade genuína de Lenóbia suplantassem o medo.

— Travis! Não te vejo! — gritou ela, e rasgou a parte de baixo da camisa de noite, entrou na cocheira mais próxima, e encharcou o tecido na manjedoura.

— Volta... Para trás... — disse ele entre assomos de tosse.

— Nem por sombras. Já vi um homem arder por minha causa. Não gostei nada. — Lenóbia pôs o tecido molhado na cabeça como se fosse um capuz e avançou para o fumo e o fogo, a orientar-se pelos ataques de tosse de Travis.

Encontrou-o junto a uma coqueira aberta. Caíra e estava a tentar levantar-se, mas só conseguira ficar de joelhos antes de ceder à tosse e à ameaça de asfixia. Lenóbia não hesitou. Entrou na coqueira e molhou a roupa rasgada na manjedoura da água outra vez.

— Mas que...? — Outro ataque de tosse e uns olhos que a tentavam lobrigar. — Não! Volta...

— Não tenho tempo para discutir. Deita-te e mais nada. — Como ele não se despachava, ela derrubou-o. Travis caiu de costas a resmungar e ela tapou-lhe a cara e o peito com o pano molhado. — Pois, assim. Sossegado — ordenou Lenóbia, e levou as mãos à água para salpicar a cara e o cabelo. Em seguida, antes que ele reagisse e se mexesse, agarrou nas pernas de Travis e começou a puxar.

Mas tinha de ser tão grande e pesado? A mente de Lenóbia estava a ficar toldada. As chamas rugiam à sua volta e ela achou que lhe cheirava a cabelo queimado. *Bom, Martin também era grande...* Depois a mente parou de trabalhar. Era como se o corpo estivesse em piloto automático num ímpeto primitivo de levar aquele homem para longe do perigo.

— É ela! É Lenóbia! — Apareceram de repente mãos fortes, tentaram tirar-lhe aquele fardo. Lenóbia debateu-se. *A morte não ganhará desta vez! Desta vez, não!*

— Professora Lenóbia, está tudo bem. Consegui sair. — A frescura do ar ajudou, e depois a mente dela assimilou o que estava a acontecer. Ela arquejou, a sorver ar limpo e a expulsar o calor e o fumo quando mãos amáveis a ajudaram a sentar-se na relva com uma máscara de oxigénio no nariz e na boca, e um ar ainda mais doce a encher-lhe os pulmões. Lenóbia sorveu oxigénio e a mente desanuviou-se por completo.

Havia bombeiros humanos por todo o recinto. Ligavam possantes mangueiras e apontavam-nas aos estábulos. Um par de paramédicos pairava sobre ela, fixavam-na, algo perplexos e admirados com a rápida recuperação dela.

Lenóbia tirou a máscara da cara.

— Eu não! Ele! — E depois arrancou o pano escaldante do corpo demasiado quieto de Travis. — Ele é humano: ajudem-no!

— Sim, senhora — murmurou um dos paramédicos e começaram a ocupar-se de Travis.

— Lenóbia, beba isto. — Puseram-lhe uma taça nas mãos e a Mestre

de Equitação levantou a cabeça para ver as duas enfermeiras da Casa da Noite, Margareta e Pempfredo, agachadas a seu lado. Lenóbia bebeu de um só trago o vinho bem temperado com sangue e sentiu instantaneamente a energia percorrer-lhe o corpo.

— Devia vir conosco, Professora — disse Margareta. — Vai precisar mais do que isso para sarar por completo.

— Depois — retorquiu Lenóbia, e largou a taça. Não ligou às enfermeiras, nem às sirenes nem às vozes nem ao caos que a rodeava. Lenóbia gatinhou até Travis. Os paramédicos afadigavam-se. O cowboy já tinha uma máscara de oxigénio, e estavam a pô-lo a soro. Tinha os olhos fechados. Mesmo por baixo da fuligem, ela viu que ele tinha a cara vermelha e crestada. Vestia uma t-shirt que obviamente enfiara por cima das calças de ganga à pressa. Os antebraços fortes estavam descobertos e já criavam bolhas. E as mãos — as mãos estavam em carne viva.

Ela devia ter feito um ruído involuntário qualquer — qualquer sinal exterior do sofrimento por que estava a passar — porque Travis abriu os olhos. Eram exatamente como ela se lembrava — castanho cor de uísque mesclado de verde-azeitona. Eles fitaram-na e não largaram.

— Ele vai sobreviver? — perguntou ela ao paramédico que estava mais perto.

— Já vi pior, e vai ficar com cicatrizes, mas temos de o levar já para o hospital. A inalação de fumo é pior do que as queimaduras. — O humano calou-se e, embora Lenóbia não desfitasse Travis, sentiu o sorriso na voz dele. — É um tipo de sorte. A senhora quase não chegava a tempo.

— Aliás, demorei duzentos e vinte e quatro anos a encontrá-lo, mas ainda bem que cheguei a tempo.

Travis ia dizer alguma coisa, mas a tosse assolou-o.

— Com licença, minha senhora, chegou o maqueiro.

Lenóbia afastou-se quando Travis subiu para a maca, mas nunca deixaram de se fitar, e caminhou ao lado dele até à ambulância. Antes de o meterem lá dentro, ele afastou a máscara e, em voz rouca, perguntou:

— A *Formosa* está bem?

— Está bem, eu sinto-a. Está com *Mujaji*. Nada de mal lhe acontecerá. Nada de mal acontecerá a nenhum deles.

Ele estendeu a mão e ela tocou cuidadosamente na pele causticada.

— E a mim também não? — consegui perguntar.

— Também não, cowboy. Podes apostar aquela grande égua lindíssima tua. — Sem se ralar nada que todos estivessem de olhos fixos nela, humanos, iniciados, vampyros, Lenóbia baixou-se e beijou-o suavemente

nos lábios. — Procura felicidade e cavalos. Lá estarei. Desta vez para garantir que nada de mal te acontece a ti.

— É bom saber. A minha mãezinha sempre disse que eu precisava que tomassem conta de mim. Espero que ela descanse melhor sabendo que já tenho quem o faça. — Parecia que ele tinha a garganta cheia de lixa.

Lenóbia sorriu.

— Já tens, mas parece-me que és tu quem tem de aprender a descansar.

As pontas dos dedos dele tocaram na mão dela e Travis disse:

— Agora acho que já posso. Estava só à espera de encontrar o caminho de casa.

Lenóbia fitou aqueles olhos cor de âmbar e azeitona que conhecia tão bem, que eram tanto como os de Martin, e imaginou que conseguia ver através deles até à alma que também conhecia – até à bondade e força, sinceridade e amor que, de algum modo, cumprira a promessa de voltar para ela. No mais fundo de si, Lenóbia sabia que, embora o resto do cowboy alto e seco não se parecesse nada com o seu amor perdido, ela encontrara o coração dele outra vez. A emoção embargou-lhe a voz e ela só pôde sorrir, assentir e virar a mão para que as pontas dos dedos dele lhe tocassem na palma – quentes, fortes e muito vivos.

— Temos de o levar para o hospital, minha senhora — disse o paramédico.

Lenóbia tirou a mão com relutância, secou os olhos e disse:

— Podem ficar com ele algum tempo, mas eu quero-o de volta. Depressa. — Depois virou o seu olhar cinza-tempestade para o humano de bata branca. — Tratem bem dele. Este incêndio não é nada comparado com o ardor do meu temperamento.

— S-Sim, s-senhora — gaguejou o paramédico, e içou Travis rapidamente para dentro da ambulância. Antes de fecharem as portas e arrancarem com as luzes a piscar, Lenóbia achou ter ouvido Travis a galhofar antes de se render a mais um ataque de tosse.

Estava ali especada, a ver a ambulância afastar-se e ralada com Travis, quando alguém pigarreou ostensivamente, e a atenção de Lenóbia mudou de imediato. Virou-se e abarcou o que a vista completamente concentrada em Travis a fizera ignorar. Parecia que a escola tinha explodido. Os cavalos agitavam-se o mais perto do muro oriental que podiam. Havia carros dos bombeiros estacionados no recinto ao lado dos estábulos, as enormes mangueiras a jorrarem água na estrutura ainda ardente. Iniciados e vampyros tinham-se juntado em grupos assustados, com ar perdido.

— Calma, *Mujaji*... Calma. Está tudo bem agora, meu doce. — Lenóbia fechou os olhos e concentrou-se a usar a dádiva que a Deusa lhe dera há mais de duzentos anos. Sentiu a bonita égua negra reagir instantaneamente, livrar-se da agitação e soprar o resto do medo e do nervoso. Depois a ligação de Lenóbia passou à Percheron grande, que escarvava o chão, as orelhas a adejarem em busca de Travis. — *Formosa*, ele está bem. Não há nada a recear. — Lenóbia falou baixinho para ecoar as ondas de emoção que transmitia à égua ansiosa. *Formosa* acalmou-se quase tão depressa quanto *Mujaji*, e Lenóbia sentiu-se imensamente satisfeita e capaz de dar atenção ao resto da manada. — *Perséfone, Anjo, Diva, Biscoitinho, Okie Dodger* — foi destacando cada um, enviando simpatia e conforto individualmente — sigam o exemplo de *Mujaji*. Tenham calma. Sejam fortes. Estão a salvo.

Alguém tornou a pigarrear e a chamar-lhe a atenção. Irritada, Lenóbia abriu os olhos e viu um humano diante de si. Trajava a farda dos bombeiros e contemplava-a com o sobrolho erguido e franca curiosidade.

— Está a falar com os cavalos?

— Na verdade, estou a fazer muito mais do que isso. Veja só. — Lenóbia apontou para a manada atrás dele. O homem virou-se e viu-se-lhe a surpresa no rosto.

— Acalmaram-se mesmo. Que bizarro.

— Bizarro tem conotações negativas. Prefiro o termo mágico. — Sem mais, Lenóbia fez um aceno de cabeça ao bombeiro e começou a avançar para os iniciados que se encontravam junto a Erik Night e à Professora P.

— Minha senhora, sou o Capitão Alderman, Steve Alderman — disse ele, e quase teve de correr para acompanhar Lenóbia. — Estamos a trabalhar para controlar o incêndio, e eu preciso de saber quem é que manda aqui.

— Capitão Alderman, isso também eu gostaria de saber — disse Lenóbia em tom sombrio. Depois acrescentou: — Venha comigo, vou deslindar isto. — A Mestre de Equitação juntou-se a Erik, à Professora P e a uma série de iniciados, dentre os quais um Guerreiro Filho de Erebus, Kramisha, Shaylin e vários iniciados azuis quintanistas e sextanistas. — Pentesileia, eu sei que Tanatos está com Zoey e o seu círculo, a celebrar o ritual na quinta de Sylvia Redbird, mas onde está Neferet? — A voz de Lenóbia era como um chicote.

— Eu... Eu simplesmente não sei! — A professora de Literatura parecia abalada, olhava para trás, para os estábulos em chamas. — Fui aos aposentos dela quando vi sinais de fogo, mas ela não estava.

— E o telemóvel? Ninguém tentou ligar-lhe? — perguntou Kramisha.

— Não atende — respondeu Erik.

— Lindo — resmungou Lenóbia.

— Posso deduzir que, dada a ausência dos outros a quem aludiu, é a senhora quem manda aqui? — perguntou o Capitão Alderman.

— Sim, parece que, por omissão, sou eu — confirmou ela.

— Bom, então é preciso uma lista o mais depressa possível. A senhora e os professores devem verificar se estão presentes todos os alunos. — Ele esticou um polegar para um banco perto dali. — Aquela rapariga, a que tem a meia-lua vermelha na testa, é a única aluna que encontramos perto do celeiro. Não está ferida, apenas algo abalada. O oxigénio está a limpar-lhe os pulmões invulgarmente depressa. Não obstante, pode ser boa ideia levá-la ao hospital.

Lenóbia olhou para o banco onde Nicole estava sentada, a respirar fundo com a máscara de oxigénio enquanto um paramédico verificava e confirmava os sinais vitais. Margareta e Pemphredo pairavam por perto, a mirarem o paramédico como se ele fosse um inseto particularmente desagradável.

— A nossa enfermaria está mais bem equipada para lidar com iniciados feridos do que um hospital para humanos — disse Lenóbia.

— Como lhe aprouver. É a senhora quem manda, e eu sei que os vamps têm uma fisiologia única. — Calou-se mas depois acrescentou: — Sem ofensa. O meu melhor amigo no liceu foi Marcado e depois passou pela Mudança. Dávamo-nos bem e continuámos a dar-nos bem.

Lenóbia conseguiu sorrir.

— Não fiquei ofendida, Capitão Alderman, o senhor só dizia a verdade. Os vampyros têm fisiologias diferentes das dos humanos. A Nicole ficará bem aqui connosco.

— Ótimo. Será melhor mandar alguns dos meus rapazes àquela casa de campo ver se não há mais miúdos — disse o capitão. — Parece que conseguimos conter o incêndio, mas é melhor fazer uma busca às partes adjacentes da escola.

— Creio que a casa de campo é uma perda de tempo para os seus homens — disse Lenóbia, a seguir o instinto. — Que se concentrem em apagar o fogo nos estábulos. O fogo não começou sozinho. Tem de ser investigado, e assegurar também que nenhum dos nossos foi apanhado pelas chamas. Vou mandar os nossos Guerreiros passarem a pente fino as partes adjacentes da escola, a começar pela casa de campo.

— Sim, senhora. Parece de facto que chegámos cá a tempo. A casa de campo há de ficar com estragos do fogo e da água, mas será pior o aspeto do que a realidade. Creio que a estrutura permanece bem. É um

belo edifício feito de pedra antiga da boa. Vai precisar de remodelação, mas os ossos foram feitos para durar. — O capitão levou a mão ao chapéu em saudação a Lenóbia e foi-se embora a dar ordens aos bombeiros mais próximos.

Bom, pelo menos são boas notícias, pensou Lenóbia, a tentar não fixar o pandemónio fumegante que eram os seus estábulos. Depois virou-se para o grupo.

— Onde está o Dragão? Ainda na casa de campo?

— Também não sabemos do Dragão — respondeu Erik.

— O Dragão está desaparecido? — Os estábulos tinham uma parede em comum com a grande e coberta casa de campo. Até então Lenóbia estivera demasiado ralada para pensar nisso, mas a ausência do Líder dos Filhos de Erebus numa altura de crise na escola era altamente invulgar. — Neferet e o Dragão; não me agrada que nenhum deles esteja cá. Não augura nada de bom para a escola.

— Professora Lenóbia, eu... Hum, eu vi-a.

Todos ficaram de olhos postos na rapariga delicada cuja cascata de cabelo preto emoldurava um rostinho que mais parecia de boneca. Lenóbia deu nome ao rosto logo a seguir, Shaylin – a mais nova iniciada da Casa da Noite de Tulsa, e a única iniciada cuja Marca original era vermelha. Lenóbia achara algo muito estranho nela quando a conhecera, poucos dias antes.

— Tu viste Neferet? — Lenóbia semicerrou os olhos para a iniciada. — Quando? Onde?

— Há coisa de uma hora — respondeu Shaylin. — Eu estava sentada à porta do dormitório, a olhar para as árvores. — Shaylin encolheu os ombros nervosamente e acrescentou: — Eu era cega, e agora que já não sou, gosto de olhar para as coisas. Gosto muito.

— Shaylin, e Neferet? — instou Erik Night.

— Ah, pois, vi-a a descer o passeio até à casa de campo. Ela... hum... Parecia muito, bem, *escura*. — Shaylin calou-se, com ar constringido.

— Escura? A que te referes?

— A Shaylin tem uma maneira única de ver as pessoas — interrompeu Erik. Lenóbia viu-o pôr a mão no ombro da iniciada para a acalmar. — Se ela achou que Neferet parecia escura, ainda bem que Lenóbia impediu os bombeiros de se meterem na casa de campo.

Lenóbia queria interrogar Shaylin, mas Erik fitou-a e abanou a cabeça quase impercetivelmente. Lenóbia sentiu um arrepio de apreensão na espinha. Essa premonição ajudou-a a decidir-se.

— Axis, vai com Pentesileia ao edifício administrativo. Se Diana não

estiver acordada, acordem-na. Tragam a lista dos alunos e distribuam-na pelos Filhos de Erebus. Eles que averiguem o paradeiro de cada aluno e mandem os alunos apresentarem-se aos respetivos orientadores, antes de voltarem aos seus quartos nos dormitórios. — A professora e o guerreiro foram-se embora e Lenóbia encarou o olhar franco de Kramisha. — Consegues fazer com que estes iniciados — Lenóbia calou-se e fez um gesto a abarcar os alunos com ar perdido que andavam por ali — se apresentem aos seus orientadores?

— Eu sou poetisa. Sei deslindar pentâmetros jâmbicos. Também hei de saber mandar em miudinhos assustados e cheios de sono.

Lenóbia sorriu para a rapariga. Gostava dela ainda antes de ela morrer, e depois voltar como iniciada vermelha e um talento para a poesia e a profecia tão grande que lhe granjeara o epíteto de Poetisa Laureada Vampyra.

— Obrigada, Kramisha, eu sabia que podia contar contigo. Não te demores. Não tenho de ser eu a dizer-te que a alvorada está próxima.

Kramisha resfolegou.

— Não me diga! Vou ficar mais queimadinha do que aquele celeiro se não me recolher bem depressinha.

Kramisha despachou-se a chamar os iniciados tresmalhados e Lenóbia virou-se para Erik e Shaylin.

— Nós os três temos de passar revista à casa de campo.

— Pois, concordo — disse Erik. — Vamos lá.

Shaylin não arredou pé, e Lenóbia reparou que ela sacudira a mão dele do seu ombro. Não fora um gesto antipático nem irritado, fora distraidamente. A Mestre de Equitação viu a jovem iniciada vermelha olhar para o céu e suspirar. Lenóbia percebeu a importância daquilo – um anseio, uma espera.

— O que se passa? — perguntou Lenóbia à rapariga, embora não lhe faltasse mais nada do que perder tempo com uma iniciada vermelha estranha e distraída.

Ainda a olhar para o céu, Shaylin respondeu:

— A chuva faz cá muita falta.

— Hã? — Erik abanou a cabeça. — De que estás a falar?

— A chuva. Quem me dera que chovesse. — A rapariga tirou os olhos do céu e contemplou Erik, a encolher os ombros, algo embaraçada. — Juro que me cheira a chuva. Seria uma ajuda para os bombeiros e uma garantia de que o fogo não alastrava ao resto da escola.

— Os humanos estão a tratar do fogo. Temos de verificar a casa de campo. Não me agrada que Neferet tenha sido vista a entrar lá.

Lenóbia começou a caminhar para a casa de campo, certa de que os dois a seguiriam, mas hesitou ao ver Shaylin resistir. Virou-se para ela, pronta a re-preender a iniciada por insolência ou ignorância, mas Erik adiantou-se-lhe.

— Olha, isto é importante. — Erik falava em voz baixa e urgente para Shaylin. — Vamos com Lenóbia ver a casa de campo. Os bombeiros sabem controlar o resto das coisas. — Como Shaylin continuava de pedra e cal sem avançar para a casa de campo, Erik insistiu, mais alto: — O que se passa contigo? Dado que Tanatos e o Dragão, e a Zoey e o grupo dela, não estão cá, temos de ter o cuidado de não deixar mais ninguém saber o que...

— Erik, eu acho que Lenóbia tem razão — interrompeu Shaylin. — Mas quero saber o que vai acontecer com ela.

Lenóbia seguiu o olhar de Shaylin e viu Nicole, ainda sentada no banco entre as duas vampyras da enfermaria, ainda com ar corado e suja de fuligem.

— Ela é um dos iniciados de Dallas. Não me admiraria nada que tivesse algo a ver com o incêndio — disse Erik, claramente chateado. — Lenóbia, parece-me que devia mandar Nicole para a enfermaria e prendê-la lá até descortinarmos o que raio aconteceu aqui.

Antes que Lenóbia falasse, Shaylin atalhou. Parecia firme e muito mais sábia do que os seus dezasseis anos.

— Não. Levem-na para a enfermaria para ver se ela está bem mas não a prendam.

— Shaylin, não sabes do que estás a falar. A Nicole anda com o Dallas — disse Erik.

— Bem, agora não anda, pois não? Ela está a mudar — observou Shaylin.

— Ela de facto ajudou-me a salvar os cavalos — disse Lenóbia. — Se estivesse implicada no incêndio, seria muito mais fácil escapulir-se no meio do fumo. Eu nunca teria dado por ela.

— Faz sentido. As cores dela estão diferentes. Melhores. — Depois Shaylin, desaparecidas firmeza e sabedoria, olhou com um ar cândido para Lenóbia e disse: — Ah, desculpe. Falei de mais. Tenho de aprender a ficar de bico calado.

— Que atrocidade foi cometida no recinto da escola esta noite! — A voz trovejou acima de Lenóbia. Nos campos da escola, em avanço rápido, vinha uma hoste de vampyros e iniciados com Tanatos à cabeça, Zoey e Stevie Rae de cada lado e, coisa mais bizarra, Kalona, as asas abertas na defensiva, logo atrás de Tanatos, como se de repente fosse o Anjo Guardião da Morte.

Foi nesse momento que o céu noturno se abriu e começou a chover.



TERCEIRO CAPÍTULO

Zoey

Eu soubera ainda antes de vermos os carros dos bombeiros e o fumo. Eu soubera que era o inferno na terra na Casa da Noite no momento em que Tanatos viu a verdade dos crimes de Neferet. Nessa noite ficara provado acima de qualquer dúvida que Neferet estava do lado da Escuridão. Tanatos não perdera tempo a denunciá-la. No regresso à escola da quinta de alfazema da avó, a Sumo-Sacerdotisa da Morte fizera uma chamada de emergência para Itália e informara oficialmente o Alto Conselho dos Vampyros que Neferet já não era Sacerdotisa de Nyx – que escolhera a Escuridão para seu Consorte. Neferet fora vista como era realmente, algo que eu quisera desde que me apercebera desta verdade asquerosa. Só que agora, desejo concretizado, eu tinha a sensação terrível de que denunciar Neferet só serviria para a libertar, mais do que obrigá-la a pagar as consequências de mentiras e traições.

Parecia tudo tão horrível e tão confuso, como se a noite inteira fosse a última metade de um filme de terror e sangue: o ritual, rever imagens do assassinio da minha mãe, o que acontecera a Dragão e Refaim e Kalona e Aurox... Aurox? Heath? *Não, não posso pensar nisso! Agora, não.* Agora os estábulos estavam a arder. Mesmo. Os cavalos da escola relinchavam e apinhavam-se nervosos junto ao muro oriental. Lenóbia parecia chamuscada e coberta de fuligem. Erik e Shaylin e mais uns iniciados lá estavam também, chocados e encharcados porque, claro, começara a chover a cântaros. E Nicole, a Nicole que era do piorio e a galdéria que andava com o Dallas, estava caída num banco com dois paramédicos a pairarem sobre ela como se ela fosse o menino Jesus com asinhas douradas.

Só me apetecia carregar num botão, desligar o filme de terror, e

adormecer aninhadinha nos braços de Stark. Raios, só me apetecia fechar os olhos e voltar a um tempo em que o pior stresse que eu tinha era stresse de três namorados, e isso já fora mau, mesmo mau.

Dei um abanão mental a mim própria, fiz o melhor que pude para afugentar o caos que me rodeava por dentro e por fora e concentrei-me em Lenóbia.

— Sim, os estábulos pegaram fogo — estava ela a explicar. — Não sabemos o que foi, nem quem foi, que o causou. Algum de vocês viu Neferet?

— Não a vimos em pessoa, mas vimos a imagem dela no espírito gravado na terra da avó de Zoey. — Tanatos ergueu o queixo e, em voz firme e forte que se projetava na chuva, declarou: — Neferet aliou-se ao touro branco. Sacrificou-lhe a mãe de Zoey. Será uma inimiga poderosa, mas inimiga de todos os que seguirem a Luz e a Deusa.

Vi que a declaração deixara Lenóbia abalada, embora a Mestre de Equitação já soubesse há meses que Neferet se tornara nossa inimiga. Não obstante, há uma grande diferença entre saber algo e saber que o pior que imaginámos é verdade. Especialmente quando se trata de algo tão horrível que até custa a imaginar. Depois Lenóbia pigarreou e perguntou:

— Então o Alto Conselho dos Vampyros baniu-a?

— Eu comuniquei o que vi esta noite — respondeu Tanatos, Sumo-Sacerdotisa interina da nossa Casa da Noite. — O Alto Conselho mandou Neferet comparecer diante delas para que se faça justiça pela sua traição à Deusa e aos nossos costumes.

— Ela tinha de saber aquilo que encontrarias no ritual se este fosse bem-sucedido — observou Lenóbia.

— Pois, por isso é que mandou aquela coisa dela atacar-nos, matar Refaim e corromper-nos o círculo e impedir o ritual de revelação — disse Stevie Rae, e deu a mão a Refaim, o qual estava a seu lado, alto e forte.

— Não parece que tenha funcionado — atalhou Erik Night.

Estava ao lado de Shaylin. Agora que eu pensava nisso, parecia que Erik passava o tempo ao lado de Shaylin. Hum...

— Pois teria funcionado — continuou Stevie Rae — mas o Dragão apareceu e impediu Aurox durante algum tempo. — Calou-se e olhou para Kalona. Sorriu mesmo para ele, um sorriso caloroso típico de Stevie Rae, e depois prosseguiu: — Foi Kalona quem salvou Refaim. Kalona salvou o seu filho.

— O Dragão! É aí que ele está, com vocês — disse Erik, os olhos a perscrutarem atrás de nós, obviamente à espera de ver o Dragão.

Senti um aperto no estômago e pisquei os olhos com força para não

começar a chorar baba e ranho. Como ninguém dizia nada, respirei fundo e dei as péssimas notícias.

— O Dragão *estava* conosco. Lutou para nos proteger. Bem, a nós e a Refaim. Mas... — Calei-me, custava-me dizer o resto.

— Mas Aurox escornou o Dragão até à morte, quebrou o sortilégio que selara o círculo e libertou-nos a nós para podermos chegar a Refaim e protegê-lo. — Stark não teve problemas em terminar o que eu começara.

— Mas era tarde de mais — acrescentou Stevie Rae. — Refaim também teria morrido se Kalona não tivesse aparecido a tempo de o salvar.

— O Dragão Lankford morreu? — A cara de Lenóbia estava branca e rígida.

— Morreu. Morreu como um verdadeiro Guerreiro, fez jus a si mesmo e ao seu Juramento. Reuniu-se com a sua parceira no Outro Mundo — disse Tanatos. — Todos fomos testemunhas.

Lenóbia fechou os olhos e curvou a cabeça. Vi que mexia os lábios, como se murmurasse uma prece. Quando ergueu o rosto, estava empedernido pela ira e os olhos pareciam nuvens de tormenta.

— Queimar os meus estábulos não passou de uma distração para Neferet fugir.

— Assim parece — anuiu Tanatos. Depois a Sumo-Sacerdotisa calou-se, como se escutasse algo no meio do ruído da chuva e dos bombeiros e dos cavalos. Semicerrou os olhos e disse: — A Morte esteve aqui, é recente.

Lenóbia abanou a cabeça.

— Não, os bombeiros estão a limpar os estábulos. Não creio que lá tenha morrido alguém.

— Não estou a sentir o espírito de um vampyro ou um iniciado — contrapôs Tanatos.

— Os cavalos saíram todos! — Era Nicole. Fiquei admirada com o tom de voz. Quer dizer, até então só lhe ouvira tons de desdém e más palavras. Aquela Nicole parecia uma miúda normal – normal do tipo que se apoquentava com cavalos a arder e o mal à solta no mundo.

Porém, Stevie Rae, como eu, conhecia uma Nicole muito diferente.

— Que raio estás aqui a fazer, Nicole? — perguntou Stevie Rae.

— Esteve a ajudar Lenóbia e Travis a salvarem os cavalos — atalhou Shaylin.

— Pois deve ter estado, logo depois de começar o fogo! — exclamou Stevie Rae.

— Cabra, não podes falar assim comigo! — bufou Nicole, numa voz já mais nossa conhecida.

— Tonto na língua, Nicole — disse eu, e pus-me ao lado de Stevie Rae.

— Basta! — vociferou Tanatos, de mãos erguidas e cheias de poder; a eletricidade atravessou o ar e pregou-nos um susto. — Nicole, és iniciada vermelha. Já é mais do que tempo de jurares lealdade à única Sumo-Sacerdotisa da tua espécie. Não lhe falarás com más palavras. Entendido?

Nicole cruzou os braços e assentiu, uma vez. A mim não me parecia nada arrependida, e aquele mau feitio, em cima de tudo o que acontecera nessa noite, buliu-me com os nervos. Encarei-a e disse-lhe exatamente o que me passava pela cabeça.

— Tens de perceber que ninguém te vai aturar mais cenas destas, acabou. Daqui em diante as coisas vão ser bem diferentes.

— Para começar, terás de passar por mim para fazer mal à Zoey — disse Stark.

— Tu usaste-me para tentar matar Stevie Rae uma vez. Isso nunca mais vai acontecer — afirmou Refaim.

— Zoey, Stevie Rae — cortou Tanatos, acutilante. — Para serem respeitadas como Sumo-Sacerdotisas, têm de se portar como tal, e o mesmo se aplica aos vossos Guerreiros.

— Ela tentou matar-nos. Às duas! — exclamou Stevie Rae.

— Há muito tempo! — berrou Nicole para Stevie Rae.

— Como é que podemos combater a grandiosa e antiga Escuridão que acabou de ser libertada neste mundo se não passarmos de crianças briguentas? — inquiriu Tanatos em voz calma. Não parecia sábia nem forte nem poderosa. Parecia cansada e sem esperança, o que era muito mais aterrador do que a eletricidade que ela convocara antes.

— Tanatos tem razão — disse eu.

— O que queres dizer, Z? Sabes bem como é a Nicole. — Stevie Rae apontou para ela. — Assim como sabias como era a Neferet mesmo que ninguém acreditasse em ti.

— Estou a dizer que Tanatos tem razão quanto às brigas. Nem sequer poderemos começar a derrotar Neferet se a nossa equipa não for forte e unida. — Olhei para Nicole. — O que quer dizer, ou ficas na nossa equipa, ou vais para o raio que te parta.

— Se ela se põe a praguejar, é porque é a sério — atalhou Afrodite.

— Eu concordo com ela — corroborou Damien.

— Eu também — acrescentou Dário.

— Contem comigo. — Era Shaunee, e atrás dela Erin disse rapidamente: — Pois.

— Eu escolhi de que lado quero ficar — disse Kalona. — Creio ser tempo de os outros escolherem também.

— Eu sou nova aqui, mas sei qual o lado certo, e escolho ficar com eles. — Shaylin avançou para o nosso lado. Erik também. Não disse nada, mas entreolhámo-nos e ele acenou com a cabeça. Sorri-lhe e depois virei-me para Tanatos, apoiada na solidariedade do meu grupo.

— Não somos crianças briguentas. Estamos apenas fartos de sermos gozados por gente que diz que sabe o que está certo, mas que continua a meter água, ainda mais do que nós.

— O que já é dizer muito — disse Afrodite secamente.

— Isso não ajuda nada — disse eu rapidamente, e para Nicole: — Portanto, escolhe a tua equipa.

— Pronto. Escolho a Equipa Nicole.

— O que quer mesmo dizer Equipa Egoísta — disse Stevie Rae.

— Ou Equipa Odiosa — disse Erin.

— Ou Equipa Feiosa — disse Afrodite.

— Tanatos vai-se embora — salientou Lenóbia, e apontou para a Sumo-Sacerdotisa que já virara costas.

— Tal como eu pensava. — Parecia que a voz de Kalona secava a chuva de tanta raiva. — Regressa ao civilizado Alto Conselho e deixa-nos a combater o mal.

Tanatos parou, virou-se e trespassou o imortal alado com o seu olhar tenebroso.

— Silêncio, Guerreiro Juramentado! A minha palavra não é menos vinculativa do que a tua. Estou a caminho da morte. Infelizmente, não me retira desta escola, nem agora nem num futuro próximo. — Sem mais, Tanatos continuou a afastar-se, rumo à entrada chamuscada da casa de campo.

— Ai, credo, é tão dramática. — Afrodite revirou os olhos. — Já disse que não é vampe, nem iniciado, nem cavalo. Mas que raio? Se morrer um mosquito, vamos todos passar-nos da marmitta?

— Mas qual é a tua? — Nicole abanava a cabeça a olhar para Afrodite. — Deusa, que és mesmo megera. Porque é que não pensas antes de abrir a matraca? Tanatos não se refere a mosquitos nem a merdas dessas. Só pode estar a falar de um gato. É o único outro espírito animal com que se ralaria.

Isto fez Afrodite embatucar e criou uma espécie de vácuo gigante em que todos nos apercebemos de que Nicole tinha razão. Eu sorvi ar.

— Oh, Deusa, não! *Nala!*

A franzir o sobrolho para Nicole, Afrodite disse:

— Descontraí, os nossos gatos estão no depósito, até aquela cadela fedorenta. Não é dos nossos.

— A *Duquesa* não é nada fedorenta — contrapôs Damien. — Mas ainda bem que ela e o *Cammy* estão a salvo.

— Eu morria se acontecesse alguma coisa ao *Belzebu* — disse Shaunee.

— Eu também! — disse Erin, mas parecia mais defensiva do que ralada.

— Eu adoro a *Nala*. — Eu e Stevie Rae entreolhámo-nos e piscámos os olhos para reter as lágrimas.

— Os nossos companheiros estão a salvo. — A voz funda de Dário ancorou-me, e depois Erik falou.

— Lá porque o gato não era nosso, não é uma morte menos lamentável. — Erik parecia mais maduro do que o costume. — Quem é que alinha na Equipa Egoísta agora?

Suspirei, e ia concordar com Erik, quando Nicole fez um ruído de exasperação e começou a andar na outra direção – pelo caminho que Tanatos acabara de levar.

— Aonde pensas que vais? — perguntou Stevie Rae.

Nicole não parou. Também não se virou, mas a voz chegou até nós.

— A Equipa Egoísta vai ajudar Tanatos com o gato morto, seja lá de quem for, porque a Equipa Egoísta gosta de animais. São melhores do que as pessoas. Ponto final.

— Não sei do que é que ela está a falar — disse Afrodite.

Revirei-lhe os olhos.

— A miúda não é de confiança, está armada ao pingarelho. — Stevie Rae fez má cara para as costas de Nicole.

— Pois posso dizer-lhes que a Nicole quase desmaiou por inalação de fumo depois de me ajudar a soltar os cavalos — disse Lenóbia.

— A cor dela está a mudar — comentou Shaylin.

— Chiu — fez Erik, e tocou-lhe no ombro.

— Ela tentou matar-me! — Stevie Rae parecia estar prestes a rebentar.

— Oh, merda para isto, quem é que não tentou matar-te? Ou à Zoey. Ou a mim, já agora. Esquece lá isso — rallhou Afrodite e, antes que Stevie Rae pudesse retrucar, ela levantou a mão, com a palma para a frente e continuou: — Poupa-nos. A menos que tu e o Stark e o resto dos iniciados vermelhos que ardem ao sol tencionem passar o dia aqui clandestinos, será melhor enchermos o miniautocarro e voltarmos para o depósito. Ah, e aqui o passarinho vai passar a passarão não tarda nada, o que não deve ser nada agradável em público.

— Odeio que ela tenha razão — disse-me Stevie Rae.

— A quem o dizes — disse eu. — Está bem, porque é que vocês não

reúnem o pessoal que tem de voltar para o depósito? Vou saber o que se passa com Tanatos e a Morte e sei lá que mais, e depois vou ter ao miniautocarro. Em breve.

— Queres dizer que eu e tu vamos saber o que se passa com Tanatos e a Morte e sei lá que mais, e depois vamos ter ao miniautocarro. Em breve — corrigiu Stark. Apertei-lhe a mão.

— É exatamente o que quero dizer.

— E eu — disse Kalona — vou ter com Tanatos, embora não volte convosco para o depósito. — Os lábios dele curvaram-se num arremedo de sorriso quando tirou os olhos de mim e contemplou o filho. — Em breve, porém. Encontrar-nos-emos em breve.

Stevie Rae largou Refaim e lançou-se nos braços de Kalona, deu-lhe um abraço apertado, e ele pareceu ficar tão admirado como o resto dos presentes, embora Refaim abrisse um sorriso enorme.

— Pois iremos muito em breve. Mais uma vez obrigada por apoiares o teu filho.

Kalona deu-lhe palmadinhas desajeitadas nas costas.

— Não tens de quê.

Depois Stevie Rae agarrou outra vez na mão de Refaim e começou a arrear caminho para o parque de estacionamento.

— Pronto, mas não se esqueçam, certinho que nem ginjas, o Sol vai nascer não tarda nada.

Afrodite abanou a cabeça e meteu o braço no de Dário.

— Certinho que nem ginjas, francamente! Mas ela terá feito sequer o oitavo ano?

— Ajuda-a lá a meter os miúdos no miniautocarro — pedi eu.

Felizmente, o vento tinha aumentado junto com a chuva, e ambos engoliram a réplica de Afrodite quando ela e Dário e o resto do meu círculo, mais Shaylin e Erik, se foram — em teoria para fazerem o que lhes tinha pedido. Fiquei sozinha com Stark, Kalona e Lenóbia.

— Pronta? — perguntou Stark.

— Sim, claro — menti.

— Casa de campo será, então — afirmou Lenóbia.

No caminho que Tanatos e Nicole tinham feito, fui tentando preparar-me para algo terrível, mas a minha quota de coisas terríveis já estava preenchida para essa noite, e só pude secar a chuva da cara e pôr um pé à frente do outro. Não estava pronta para mais nada além da cama.

Estava quentinho e seco dentro da casa de campo, mas cheirava a fumo. A areia debaixo dos pés estava húmida e suja. Custaria muito ao Dragão ver isto assim, estava eu a pensar quando Kalona apontou para

o centro de uma zona mal iluminada onde se lobrigavam os vultos de Tanatos e Nicole.

— Além — disse ele.

— Devíamos ter acendido os archotes — murmurava Lenóbia enquanto caminhávamos na areia empapada. — Os humanos apagaram quase as lanternas todas junto com o fogo nos estábulos.

Não quis dizer nada, mas a verdade era que estava aliviada por estar escuro, pois sabia que o que quer que fosse que Tanatos e Nicole tivessem encontrado, não ia ser nada bonito. Porém, não desabafei e agarrei bem na mão do Stark para sentir parte da força dele.

— Cuidado onde pisam. — Quando chegámos perto delas, Tanatos falou sem levantar os olhos de onde estava ajoelhada no chão da casa de campo. — Há aqui vestígios de sortilégio. Quero tudo apanhado para ser examinado e eu poder descobrir o responsável por esta atrocidade.

Espreitei por cima do ombro dela, não compreendia bem o que estava ali. Havia um círculo desenhado na areia. Dentro dele, a areia parecia estranha e escura. No meio do círculo, duas manchas felpudas. De um dos lados delas, palavras escritas na areia. Semicerrei os olhos, a tentar distingui-las.

— O que é, afinal? — perguntei.

Os vampyros vermelhos veem muito melhor no escuro pelo que, quando o Stark me passou o braço pelo corpo, eu soube que, fosse o que fosse, era mau. Mesmo mau. Antes de poder repetir a pergunta, Nicole levou a mão ao bolso e sacou do telemóvel.

— Isto tem flash. Vai fazer mal aos vossos olhos, mas pelo menos tira uma fotografia.

Tinha razão. Fiquei a piscar os olhos das lágrimas e a ver manchas logo a seguir. Kalona, cuja vista imortal era menos suscetível à luz do que a de qualquer vampyro, falou com solenidade.

— Eu sei de quem é a obra. Não sentem a presença remanescente dela?

A vista desanuviou-se-me e aproximei-me, embora Stark me agarresse e me quisesse puxar. Tarde de mais, assimilei o que os meus olhos viam.

— *Facho de Sombra!* Está morto!

— Sacrificado num ritual negro — declarou Tanatos.

— E *Guinevere* também — acrescentou Nicole.

Só me apetecia vomitar.

— O gato do Dragão e o gato da Anastasia? Foram os dois abatidos? Tanatos estendeu a mão, passou-a gentilmente pelo flanco de *Facho*

de Sombra, e avançou para o corpinho muito mais pequeno da gata que estava aninhada ao lado dele.

— Esta pequenina não foi sacrificada. Não fez parte do ritual. Foi o desgosto que lhe parou o coração e o fôlego. — A Sumo-Sacerdotisa levantou-se e virou-se para Kalona. — Dizes saber de quem é esta obra.

— Sei, como tu também sabes. Neferet sacrificou o gato do Guerreiro. Serviu de pagamento. A Escuridão obedece-lhe, mas o preço da obediência é sangue e morte e sofrimento. É um preço que tem de ser pago uma e outra vez. A Escuridão nunca fica saciada. — Depois apontou para as palavras. — Aquilo prova o que acabei de dizer.

Aquela luz fosca, consegui lobrigar os corpinhos inertes e tristes dos gatos, mas custava-me perceber as palavras escritas ao lado deles. Não foi preciso pedir. Stark agarrou-me bem a seu lado e leu em voz alta:

*Sangue, morte e conflito são a paga
Obrigo o Veículo a ser a minha adaga.*

— Veículo é o que Neferet chama a Aurox — explicou Kalona.

— Oh, grande Deusa, fica ainda mais provado que isto foi obra de Neferet. — O olhar sombrio de Tanatos encarou o meu. — A morte da tua mãe não foi um simples sacrifício aleatório à Escuridão. Foi o pagamento exigido pela criação da criatura de Neferet, o Veículo, Aurox.

Senti as pernas bambas e cheguei-me ainda mais a Stark. Parecia que o braço dele era a única coisa que me sustinha em pé.

— Eu sabia que o miúdo touro era má rês — disse Stark. — Nem por sombras seria dádiva de Nyx.

— O Veículo é o oposto. É uma criatura moldada pelo sofrimento e pela morte às mãos da Escuridão, e controlada por Neferet — afirmou Tanatos.

Não lhes podia contar o que achava ter visto na Pedra Vidente. Como poderia, com o braço de Stark a suster-me, o Dragão acabado de morrer e aquele pavor dos gatos? Mas eu estava demasiado dorida, cansada, magoada e confusa para moderar as palavras e não dizer o nome de Heath, por isso, como uma parvinha, tartamudeei:

— Mas tem de haver mais qualquer coisa no Aurox! Lembra-se do que ele lhe perguntou depois das aulas? Queria saber quem era — *o que* era? A Tanatos disse-lhe que ele poderia decidir por si próprio e não deixar que o passado lhe ditasse o futuro. Porque é que uma criatura completamente feita de Escuridão, completamente Veículo de Neferet, se ralaria a questionar-se a si mesma?

— Tens razão. Recordo-me de Aurox ir ter comigo — assentiu Tanatos, e depois voltou a olhar para os gatos mortos. — Talvez Aurox não seja completamente um Veículo vazio. Talvez a interação dele conosco, e contigo em particular, Zoey, lhe tenha falado à consciência que ele possa ter.

Senti um assomo de emoção que fez Stark lançar-me um olhar interrogativo e sobressaltado.

— Ele estava a dizer a verdade! — expliquei. — Esta noite, mesmo antes de Aurox fugir, ele disse: “Eu escolho um futuro diferente. Escolho um futuro novo”. Queria dizer que não tinha intenção de fazer mal ao Refaim nem ao Dragão, mas não podia evitar que Neferet o controlasse.

— Faz sentido. — Tanatos continuou a assentir, a falar devagar como se fosse abrindo caminho verbalmente num labirinto. — O sacrifício do companheiro do Dragão Lankford era necessário porque Neferet estava a perder o controlo do seu Veículo. Todos assistimos à metamorfose de Aurox de touro em rapaz, e depois começar a voltar a touro quando ele fugiu.

— A Tanatos também não pode deixar de ter visto como ele ficou passado quando era outra vez Aurox e viu o que fizera ao Dragão — disse eu.

— Isso não altera o facto de que Aurox matou o Dragão — disse Stark. Pude sentir a tensão que emanava dele e detestei que o rosto se lhe tivesse empedernido numa máscara.

— E se ele só tiver matado o Dragão por causa do sacrifício horróroso que Neferet fez de *Facho de Sombra*? — perguntei, a tentar que Stark visse que podia haver mais do que uma resposta correta.

— Zoey, isso não faz com que o Dragão esteja menos morto — disse Stark; tirou o braço e fez menção de se afastar de mim.

— Nem de Aurox menos perigoso — disse Kalona.

— Mas talvez menor ameaça do que inicialmente pensámos — racionalizou Tanatos. — Se Neferet tiver de realizar um sacrifício ritual, deste porte, de cada vez que o quiser controlar, terá de escolher cuidadosa e seletivamente como e quando pretende usá-lo.

— Ele disse mais de uma vez que queria um futuro diferente — insisti.

— Z, isso *não* faz de Aurox bom tipo — disse Stark, a abanar a cabeça.

— Sabem, as pessoas mudam — disse Nicole de repente. Todos tivemos de piscar os olhos para assimilar. Obviamente, eu não era a única a ter-me esquecido de que ela lá estava.

Porém, detestava ter de concordar com Nicole, e fiquei calada e ralada a mordiscar o lábio.

— Aurox não é pessoa nem tipo, bom ou mau. — Na casa de campo imersa na obscuridade, a voz de Kalona parecia uma bomba a cair e a esfrangalhar-me os nervos já à flor da pele. — Aurox é um Veículo. Uma criatura criada para ser a arma de Neferet. Poderá ter consciência e capacidade de mudança? — Ele encolheu os ombros. — Só nos resta adivinhar. E será que importa, verdadeiramente? Não faz diferença alguma que uma lança tenha consciência. O importante é quem empunha a arma. É evidente que Neferet empunha Aurox.

— Há quanto tempo sabes disto? — Virei-me para Kalona. Stark olhava-me como se toda eu estivesse a ser irracional, mas não consegui conter-me. Mesmo que não tivesse maneira de lhes contar, estava certa de que vira a alma de Heath dentro de Aurox através da Pedra Vidente. — Se sabias o que Aurox era, porque não disseste nada antes?

— Ninguém mo perguntou — respondeu Kalona.

— Tretas — barafustei, a deslocar a raiva e a frustração e a confusão que sentia por causa de mim e do quebra-cabeças Aurox/Heath para descarregar em Kalona. — O que mais nos tens escondido?

— O que mais gostarias de saber? — retrucou ele sem hesitar. — Mas toma cuidado, jovem Sacerdotisa, se queres mesmo ouvir as respostas às perguntas que fazes.

— Tu devias estar na nossa equipa, ou estás esquecido? — Stark pôs-se entre mim e Kalona.

— Lembro-me de mais do que te apercebes, jovem vampyro — disse Kalona.

— Que raio quer isso dizer? — contrapôs Stark.

— Quer dizer que tu nem sempre foste assim tão bonzinho! — atalhou Nicole.

— Não te atrevas a falar mal dele! — berrei com ela.

— Estão mais uma vez a brigar entre vós! — exclamou Tanatos, a paixão na sua voz a vibrar no ar à nossa volta. — A nossa inimiga lançou o caos na nossa própria casa. Cometeu assassinio não uma, nem duas, mas repetidas vezes. Aliou-se ao maior mal que este mundo já conheceu. E aqui continuam a digladiar-se. Se não nos conseguirmos unir, ela já nos derrotou.

Tanatos abanou a cabeça, muito triste. Virou-nos as costas e agachou-se ao lado dos gatos caídos. A Sumo-Sacerdotisa passou a mão sobre cada um deles com a maior gentileza. Desta vez, o ar por cima deles começou a brilhar e materializaram-se os contornos brilhantes de *Facho de Sombra* e *Guinevere* – só que não eram os gatos adultos que ali estavam tão frios e quedos no chão. Eram gatinhos. Gorduchos, amorosos.

— Vão ter com a Deusa, pequeninos — disse Tanatos numa voz doce e suave. — Nyx e aqueles a quem mais amam esperam por vós. — O jovem *Facho de Sombra* estendeu uma pata felpuda para brincar com a ponta da manga de balão de Tanatos, antes de os dois gatinhos desaparecerem numa nuvem iridescente. Eu podia jurar ter ouvido o som distante do riso melodioso de Anastasia, e imaginei que ela e o Dragão estariam a divertir-se imenso a receberem os seus gatos no Outro Mundo.

O Outro Mundo...

A minha mãe estava lá, e o Dragão e Anastasia e Jack e, se eu não me tivesse enganado com o que vira em Aurox, Heath também estava lá. Eu também lá estivera. Sabia que o Outro Mundo existia com a mesma certeza da minha própria existência. Também sabia que era um lugar mágico, espantoso e, embora aquele não tivesse sido o momento destinado à minha morte e permanência lá, a beleza do lugar ainda se fazia sentir na mente e na alma, formava uma bolinha de maravilhamento e segurança que era o extremo oposto daquilo em que o mundo real à minha volta se tornara.

— Seria assim tão mau se perdêssemos?

Só me apercebi de que pensara alto quando Stark me abanou pelo ombro.

— O que estás para aí a dizer, Z? Não podemos perder porque a Neferet não pode ganhar. A Escuridão não pode ganhar.

Vi bem a preocupação dele, senti bem o medo dele. Sabia que o estava a abalar, mas não conseguia evitar. Estava tão cansada, caraças, de ser tudo uma luta entre a morte e a Escuridão, o amor e a Luz. *Porque é que não pode simplesmente acabar tudo? Eu daria qualquer coisa para que acabasse tudo, simplesmente!*

— Qual é a pior coisa que pode acontecer? — dei comigo a perguntar, e depois continuei a atropelar as palavras em resposta à própria pergunta. — A Neferet mata-nos. Ora, morrer não me parece assim tão mau. — Agitei o braço na direção em que os gatinhos tinham acabado de aparecer e desaparecer.

— Credo, que desistente! — resmungou Nicole baixinho, com ar enojado.

— Zoey Redbird, a morte está longe de ser a pior coisa que nos poderia acontecer a todos — sentenciou Tanatos. — Sim, a Escuridão parece esmagadora agora, especialmente depois de tudo o que descobrimos esta noite, mas também há amor e Luz aqui. Pensa na tristeza que as tuas palavras causariam a Sylvia Redbird.

Senti uma pontada de culpa. Tanatos tinha razão. Havia coisas

piores do que morrer, e essas coisas piores aconteciam às pessoas que cá deixássemos. Curvei a cabeça e aproximei-me de Stark, dando-lhe a mão.

— Desculpem, vocês têm razão. Não devia ter dito aquilo.

Tanatos brindou-me com um sorriso bondoso.

— Voltem ao vosso depósito. Rezem. Durmam. Encontrem consolo e orientação nas palavras que Nyx teve para conosco: *Guardem a recordação em como sararam nesta noite minha. Esta força e esta paz serão precisas para a luta que se avizinha.* — Tanatos hesitou, suspirou pesadamente, e acrescentou: — Tu és tão jovem.

Só me apetecia gritar: *Eu sei! Sou demasiado jovem para salvar o mundo!* Mas não, fiquei ali, a sentir-me estúpida e inútil, enquanto Tanatos se curvava e apanhava os corpinhos de *Facho de Sombra* e *Guinevere*, os embrulhava nas suas volumosas saias e os segurava perto do corpo num gesto afetuosos, como se fossem bebés adormecidos. Depois fez sinal a Kalona e disse:

— Vem comigo. Tenho de dar aos Filhos de Erebus a triste notícia do falecimento do seu Mestre de Esgrima. Enquanto isso, peço-te que comeces a erigir uma pira funerária para o Dragão e estes pequeninos. Será ao acender esse fêretro que proclamarei oficialmente o teu cargo de Guerreiro da Morte. — Sem olhar mais para mim, Tanatos saiu da casa de campo. Kalona foi atrás dela sem olhar para Stark nem para mim.

— Já agora, a tua equipa mete nojo — sentenciou Nicole, e foi-se embora, a abanar a cabeça.

Senti os olhos de Stark cravados em mim. A mão dele parecia hirta na minha. Ergui os olhos, na certeza de que ele me iria abanar ou ralar ou, no mínimo dos mínimos, perguntar que raio se passava comigo. Outra vez.

Mas não. Abriu os braços e disse:

— Anda cá, Z — e deu-me simplesmente o seu amor.



QUARTO CAPÍTULO

Aurox

Aurox corria, sem saber nem ligar aonde o corpo o levava. Só sabia que tinha de se afastar do círculo, de Zoey, antes de cometer outra atrocidade. Os pés, completamente transformados em cascos fendidos, rasgavam a terra fértil, levavam-no com velocidade sobre-humana pelos campos de alfazema adormentada pelo inverno. Como a brisa que lhe acariciava o corpo, as emoções assolavam Aurox.

Confusão – não quisera fazer mal a ninguém, mas matara o Dragão e talvez até Refaim.

Raiva – fora manipulado, controlado contra a sua vontade!

Desespero – nunca ninguém iria acreditar que ele não tencionara fazer mal a ninguém. Ele era um animal, uma criatura da Escuridão. O Veículo de Neferet. Todos o odiariam. Zoey odiá-lo-ia.

Solidão – contudo, ele *não* era o Veículo de Neferet. Independentemente do que acontecera nessa noite. Independentemente de como ela conseguira controlá-lo. Ele não pertencia, *não queria* pertencer, a Neferet. Depois de ver o que tinha visto naquela noite, não... De sentir o que sentira naquela noite.

Aurox sentira Luz. Embora não tivesse sido capaz de a acolher, sentira a força da sua bondade no círculo mágico, e reconhecera-lhe a beleza na invocação dos elementos. Até os tentáculos repelentes o conseguirem prender e controlar a besta dentro dele, ele assistira, hipnotizado, àquele ritual comovente que culminara na Luz a limpar o toque da Escuridão sobre a terra, e sobre ele, embora essa purificação para ele só tivesse durado um momento. Apenas o tempo de Aurox se aperceber do que tinha feito. Em seguida, a raiva justiceira e o ódio compreensível que os Guerreiros

sentiam por ele tinham-no assolado, e Aurox só tivera humanidade suficiente para fugir e *não* matar Zoey.

Aurox estremeceu e gemeu quando a metamorfose de besta em rapaz lhe violentou o corpo, o deixou descalço e em tronco nu, trajado apenas com calças de ganga rasgadas. Uma fraqueza terrível pesou-lhe no corpo. A arquejar e a tremer, Aurox abrandou e passou a caminhar. A sua mente era um teatro de guerra. Estava cheio de ódio por si mesmo. Aurox perambulou sem destino naquela quase alvorada, sem saber nem ligar ao que o rodeava, até não poder ignorar mais as necessidades físicas do seu corpo e começar a seguir o cheiro e o ruído da água. À beira daquele regato cristalino, Aurox ajoelhou-se e bebeu até saciar o fogo dentro de si; depois, derrotado pela exaustão e a emoção, tombou. Um sono sem sonhos ganhou finalmente a batalha, e Aurox adormeceu.

Aurox acordou com o som da melodia dela. Era tão apaziguadora, tão pacífica que, a princípio, ele não abriu os olhos. A voz dela era ritmada, como o bater do coração mas foi mais do que o ritmo o que comoveu Aurox. Foi o sentimento que ressumava da canção. Não sentia com ela a maneira como canalizava emoções violentas para alimentar a metamorfose que lhe mudava o corpo de rapaz em besta. O sentimento da canção decorria da própria voz – alegre, jubilosa, grata. Não sentiu aquelas coisas com ela, mas sim imagens de alegria que lhe abriram a possibilidade de ser feliz naquele momento entre o sono e a vigília. Não compreendia nada das palavras, mas Aurox não precisava. A voz dela elevava-se nos céus, e isso transcendia a linguagem.

Despertou e quis ver de quem era a voz. Perguntar-lhe da alegria. Tentar compreender como poderia criar esse sentimento para si mesmo. Aurox abriu os olhos e soergueu-se. Tombara não muito longe da casa da quinta, perto da margem do pequeno regato. Era uma fita sinuosa de águas límpidas que corriam suavemente, musicalmente, sobre areia e pedra. O olhar de Aurox acompanhou a descida da água, até assentar à esquerda, na mulher que trajava um vestido de cavas com franjas de couro decoradas com conchinhas e continhas. Dançava graciosamente, marcava o ritmo da canção com pés descalços. Embora o Sol estivesse ainda a erguer-se no horizonte e a madrugada estivesse fresca, ela estava corada, quente, viva. O fumo do raminho de flores silvestres que tinha na mão evolava-se em seu redor, parecia acompanhar a melodia.

Só de a contemplar, Aurox sentiu-se bem. Não era preciso captar-lhe a alegria – era palpável à sua volta. O espírito dele enlevou-se porque a

mulher estava plena de emoção a ponto de transbordar. Lançou a cabeça para trás e o cabelo comprido, fios de prata e fios pretos, facilmente lhe chegava à cintura esbelta. Ergueu os braços nus, como se acolhesse o Sol nascente, e depois começou a mover-se em círculos, ao ritmo dos pés.

Aurox estava tão absorto na canção que só se apercebeu de que ela se virava para ele, e que o veria, quando se entreolharam. Reconheceu-a então. Era a avó de Zoey, que estivera no centro do círculo na noite anterior. Ficou à espera que ela se assustasse e até gritasse ao vê-lo aparecer de repente ali, na erva alta à beira do regato. Antes pelo contrário, a dança jubilosa terminou. A canção emudeceu. E ela falou em voz límpida e calma:

— Eu vejo-te, *tsu-ka-nv-s-di-na*. És o metamorfo que matou o Dragão Lankford esta noite. Tentaste matar Refaim também, mas não conseguiste. Também carregaste sobre a minha querida neta como se lhe quisesses fazer mal. Estás aqui para me matares também?

Ela ergueu os braços outra vez, respirou fundo o ar fresco e limpo da manhã e concluiu:

— Se assim for, direi ao céu que me chamo Sylvia Redbird e que hoje é bom dia para morrer. Irei ter com a Grande Mãe para me juntar aos meus antepassados com alegria a encher-me o espírito. — Depois sorriu-lhe.

O sorriso desarmou-o. Sentiu-se despedaçado e, numa voz trémula que mal reconhecia como sua, Aurox disse:

— Não estou aqui para te matar. Estou aqui porque não tenho para onde ir.

Depois Aurox começou a chorar.

Sylvia Redbird hesitou apenas um ínfimo momento, um bater de coração. No meio das lágrimas, Aurox viu-a inclinar a cabeça para trás outra vez e assentir, como se tivesse recebido resposta a uma pergunta. Depois avançou graciosamente para ele, as franjas compridas do vestido a roçagarem melodiosamente com o movimento e o toque da brisa fresca da manhã.

Não hesitou quando chegou perto dele. Sylvia Redbird sentou-se, cruzou os pés debaixo do corpo, abriu os braços, abraçou-o e puxou-lhe a cabeça para o ombro.

Aurox não soube quanto tempo tinham ali ficado assim, juntos. Só soube que, enquanto chorava, ela o embalara, para trás e para a frente, a cantar uma melodia suave e a dar-lhe palmadinhas nas costas ao ritmo do bater do coração.

Finalmente, ele soltou-se e virou a cara, envergonhado.

— Não, filho — disse ela, segurando-o pelos ombros e fazendo-o encará-la. — Antes de te afastares, diz-me porque choravas.

Aurox limpou a cara, pigarreou e, numa voz que parecia muito jovem e também, pensou ele, muito tola, respondeu:

— Porque lamento.

Sylvia Redbird não o desfitou.

— E mais? — insistiu.

Ele exalou longamente e admitiu:

— E também porque me sinto muito sozinho.

Sylvia arregalou os olhos muito escuros.

— Tu és mais do que aparentas ser.

— Sim. Sou um monstro da Escuridão, um animal — anuiu ele.

Ela curvou os lábios.

— Um animal chora de mágoa? A Escuridão tem capacidade para sentir solidão? Não me parece.

— Então porque me sinto tão tolo por chorar?

— Considera o seguinte — começou ela. — O teu espírito chorou. Tinha de desabafar porque sentia mágoa e solidão. Compete-te a ti decidir se é mesmo tolice. Eu já decidi que não há vergonha em derramar lágrimas sinceras. — Sylvia Redbird levantou-se e estendeu-lhe uma mão pequena e enganadoramente frágil. — Vem comigo, meu filho. A minha casa está aberta.

— Porque é que a senhora faria isso? Viu-me matar um Guerreiro esta noite, e ferir outro. Eu poderia ter matado a Zoey também.

Ela inclinou a cabeça para um lado, a estudá-lo.

— Poderias? Não me parece. Pelo menos, não me parece que o rapaz que vejo neste momento a pudesse matar.

Aurox sentiu que os ombros lhe pesavam.

— Mas só a senhora é que acredita nisso. Mais ninguém acredita.

— Bem, *tsu-ka-nv-s-di-na*, sou a única pessoa aqui contigo neste momento. A minha fé não basta?

Aurox tornou a limpar a cara e levantou-se, cambaleante. Depois pegou na mão delicada dela com todo o cuidado.

— Sylvia Redbird, a sua fé neste momento basta.

Ela apertou-lhe a mão, sorriu-lhe e disse:

— Trata-me por Avó.

— O que foi que a Avó me chamou?

Ela sorriu.

— *Tsu-ka-nv-s-di-na* é o termo que o meu povo dá aos touros.

Ele sentiu calor e depois frio.

— A besta em que me transformo é mais terrível do que um touro.

— Então talvez chamar-te *tsu-ka-nv-s-di-na* retire algum do horror do que dorme dentro de ti. Há poder no nome que se dá às coisas, filho.

— *Tsu-ka-nv-s-di-na*, não me hei de esquecer — disse Aurox.

Ainda a sentir-se abalado, ele foi com a velhota mágica até à casa da quinta que ficava no meio dos campos de alfazema adormecidos. A casa era de pedra e tinha um alpendre largo e convidativo. A Avó levou-o para um sofá de couro e deu-lhe uma manta feita à mão para ele pôr nos ombros. Depois disse:

— Peço-te que deixes o teu espírito descansar.

Aurox fez o que lhe pediam, enquanto ela cantava baixinho de si para consigo, acendia a lareira e fervia água para o chá; depois a Avó foi buscar uma camisola e uns mocassins a outra sala. Depois de estar calor e a canção dela terminar, a Avó fez sinal para ele se sentar à mesinha de madeira, e apontou para a comida num prato cor de púrpura.

Aurox bebericou o chá adoçado com mel e comeu do prato.

— O-Obrigado, Avó — disse ele num tom muito sério. — A comida é boa. A bebida é boa. *Tudo* aqui é muito bom.

— O chá é de camomila e hissopo. Bebo-o para me ajudar a acalmar e a concentrar-me. As bolachas são de uma receita minha: pepitas de chocolate com travo a alfazema. Sempre me quis parecer que o chocolate e a alfazema fazem bem à alma. — A Avó sorriu e deu uma dentada na bolacha. Comeram em silêncio.

Aurox nunca se sentira tão satisfeito. Sabia que não podia ser mas, de algum modo, sentia-se completamente à vontade com aquela mulher. Era essa sensação, bizarra mas maravilhosa, de à-vontade que o impeliu a começar a falar do fundo do coração.

— Foi Neferet quem me mandou vir cá esta noite. Eu devia interromper o ritual.

A Avó assentiu. No semblante não se via surpresa, apenas contemplação.

— Não queria que a denunciassem como assassina da minha filha.

Aurox observou-a.

— A sua filha foi assassinada. A senhora assistiu a essa revelação ontem à noite, mas aqui está hoje, serena e alegre. Onde encontra paz?

— Cá dentro — respondeu ela. — Também da crença de que há mais em jogo do que aquilo que podemos ver, que podemos provar. Por exemplo, no mínimo, eu deveria ter medo de ti. Outros diriam que deveria odiar-te.

— Muitos diriam.

— Contudo, não tenho medo de ti nem te odeio.

— A senhora... Está a confortar-me, a dar-me abrigo. Porquê, Avó?

— Porque acredito no poder do amor. Acredito na escolha da Luz em detrimento da Escuridão, da felicidade e não do ódio, da confiança e não do ceticismo — declarou a Avó.

— Então não tem nada a ver comigo. A senhora é simplesmente boa pessoa — disse ele.

— Não me parece que ser boa pessoa seja coisa simples, não achas? — contrapôs ela.

— Não sei dizer. Nunca tentei ser boa pessoa. — Ele passou a mão pelo cabelo louro espesso, um gesto de frustração.

A Avó fez ruguinhas nos olhos quando sorriu.

— Não tentaste? Ontem à noite tinhas ordens de uma imortal poderosa para impedires um ritual, contudo, milagrosamente, o ritual concluiu-se. Como é que isso aconteceu, Aurox?

— Ninguém acreditará na verdade acerca disso — disse ele.

— Eu acredito — disse a Avó. — Conta-me, meu filho.

— Vim cá cumprir as ordens de Neferet: matar Refaim e distrair Stevie Rae para que o círculo se dissolvesse e o ritual não se concluísse, mas não consegui. Não consegui dissolver algo tão cheio de Luz, *tão bom*. — Aurox falou de rajada, queria dizer a verdade antes que a Avó o mandasse calar, o mandasse embora. — Depois a Escuridão apoderou-se de mim. Eu não queria transformar-me! Eu não queria que o touro emergisse! Mas não consegui controlar-me e, quando ele apareceu, só se lembrava da última ordem: matar Refaim. Foi apenas a ação dos elementos e o toque da Luz que moderaram a besta tempo suficiente para eu recobrar controlo e obrigá-la a fugir.

— Por isso é que mataste o Dragão. Porque ele tentou proteger Refaim — disse a Avó.

Aurox assentiu e baixou a cabeça com a vergonha.

— Não queria matá-lo. Não tinha intenção de o matar. A Escuridão controlou a besta, e a besta controlou-me a mim.

— Mas agora não. A besta não está aqui agora — disse ela.

Aurox fitou-a.

— Está. A besta está aqui sempre. — E apontou para o meio do peito. — Está eternamente dentro de mim.

A Avó pôs as mãos na dele.

— Pode ser que seja, mas tu estás aqui também. *Tsu-ka-ny-s-di-na*, não te esqueças de que controlaste *mesmo* a besta o suficiente para fugir. Talvez seja um princípio. Aprende a confiar em ti próprio, e depois os outros poderão aprender a confiar também.

Ele abanou a cabeça.

— Não, a senhora é diferente de todos os outros. Mais ninguém acreditará em mim. Só conseguirão ver a besta. Ninguém se ralará o suficiente para acreditar em mim.

— A Zoey protegeu-te dos Guerreiros. Foi devido à proteção dela que pudeste fugir.

Aurox pestanejou, admirado. Nem sequer pensara nisso. As emoções haviam-no transtornado de tal modo que nem se apercebera da extensão do ato de Zoey.

— Ela protegeu-me deveras — disse ele devagar.

A Avó deu-lhe palmadinhas na mão.

— Não deixes que a fé dela em ti seja em vão. Escolhe a Luz, meu filho.

— Mas já tentei e não consegui!

— Esforça-te por isso — disse ela severamente.

Aurox abriu a boca para refilar, mas os olhos da Avó emudeceram-no. O olhar dela dizia que as palavras eram mais do que uma ordem: eram uma crença.

Tornou a baixar a cabeça. Desta vez, não era vergonha, era a reação à réstia de esperança que sentia. Aurox aproveitou o momento para saborear esse sentimento novo e maravilhoso. Depois, devagar, tirou a mão que estava entre as da Avó e levantou-se. Em resposta ao seu olhar inquiridor, Aurox disse:

— Tenho de aprender a justificar a sua fé em mim.

— E como farás isso, meu filho?

— Tenho de me encontrar a mim mesmo — respondeu ele sem hesitar.

O sorriso dela era simpático e radioso. Inesperadamente, fê-lo lembrar-se de Zoey, o que fez a centelha de esperança expandir-se até ser um calorzinho no mais fundo do seu ser.

— Para onde vais?

— Para onde puder fazer o maior bem — respondeu ele.

— Aurox, meu filho, fica sabendo que, desde que controles a besta e que não voltes a matar, poderás sempre refugiar-te aqui comigo.

— Nunca me esquecerei disso, Avó.

Quando ela o abraçou à porta, Aurox inalou profundamente o aroma da alfazema e o toque do amor de uma mãe. O aroma e o toque ficaram com ele o caminho todo até chegar a Tulsa.

...

Aquele dia de fevereiro estava limpo e, como dissera o homem da rádio, *assim tão quente até as carroças acordam*. Aurox estacionou o carro de Neferet num dos lugares nas traseiras de Utica Square e depois deixou que o instinto lhe orientasse os passos, enquanto se afastava da azáfama da zona comercial por uma rua secundária chamada South Yorktown Avenue. Cheirou-lhe a fumo ainda antes de chegar ao grande muro de pedra que circundava a Casa da Noite.

Este fogo foi obra de Neferet. Tresanda à Escuridão dela, pensou Aurox. Não se permitiu pensar no que o fogo poderia ter destruído. Concentrou-se apenas em seguir o instinto, e este dizia-lhe que ele tinha de voltar à Casa da Noite para se encontrar a si mesmo e à sua redenção. O coração batia-lhe com força quando ele deslizou para a sombra do muro e contornou a fronteira oriental da escola até chegar a um carvalho vetusto, rachado ao meio com tanta violência que parte dele tombara sobre o muro da escola.

Era simples, realmente, subir pela superfície irregular do muro, agarrar-se aos ramos nus da árvore fendida e deixar-se cair no chão do outro lado. Aurox agachou-se à sombra da árvore. Tal como esperara, a claridade do Sol esvaziara o recinto, mantinha iniciados e vampyros dentro do edifício de pedra, atrás de janelas veladas por cortinas negras. Aurox deu a volta ao tronco da árvore, a observar a Casa da Noite.

O incêndio fora nos estábulos, via-se facilmente. Não parecia ter alastrado, embora deixasse uma das paredes exteriores dos estábulos derrubada. Essa abertura já fora tapada por um taipal preto. Aurox chegou-se mais à árvore. Depois abriu caminho por entre fragmentos da base fendida, pelo emaranhado de ramos, e ocorreu-lhe que ninguém se ralara em limpar aquela zona, quando o resto do recinto estava tão bem ajardinado. Porém, não se demorou muito nessa curiosidade. Um corvo enorme aterrou de súbito num dos ramos pendentes mesmo à frente dele e lançou-se numa série de ruídos altos e pavorosos, a crocitar e a sibilar em bizarra agitação.

— Xô! Rua daqui! — exclamou Aurox, a enxotar aquela ave enorme, o que só fez a criatura redobrar a barulheira. Aurox lançou-se para a frente, com intenção de esganar a maldita coisa, quando o pé se lhe prendeu numa raiz exposta. Caiu para a frente, embatendo no chão com toda a força. Para grande choque seu, continuou a cair enquanto a terra se abria com o peso do corpo e ele era sugado de cabeça para baixo... Para baixo...

Aurox sentiu uma dor lancinante na têmpora direita e depois viu tudo negro.



QUINTO CAPÍTULO

Zoey

Eu adormecera nos braços de Stark, pelo que acordar com ele a sacudir-me e a olhar-me furibundo e quase a berrar comigo me deixou perplexa.

— Zoey! Acorda! Para com isso! Estou a falar a sério!

— Stark? Hã? — Sentei-me na cama, *Nala* teve de mudar de posição donde estava, numa bola cor de laranja numa das minhas ancas.

— *Miauf!* — resmungou ela, e foi para os pés da cama. Gata e Guerreiro olhavam para mim como se eu tivesse cometido assassinio em massa.

— O que foi? — perguntei, e fiz o maior bocejo de sempre. — Eu estava só a dormir.

Stark agarrou na almofada e ajeitou-a por trás de si para se encostar ao espaldar da cama. Cruzou os braços, abanou a cabeça e desviou o olhar do meu.

— Parece-me que estavas a fazer muito mais do que *só a dormir*.

Só me apeteceu estrangulá-lo.

— Mas o que é isto, o que se passa contigo? — perguntei.

— Disseste o nome dele.

— O nome de quem? — Pisquei os olhos e tive um flashback daquele filme horrível, *A Invasão dos Mortos-Vivos*, e receei que Stark se tivesse transformado num deles.

— Do Heath! — bradou ele. — Três vezes. Acordaste-me. — Ainda sem olhar para mim, perguntou: — Estavas a sonhar com quê?

O que ele dissera chocara-me como o raio, e a minha cabeça não estava a conseguir assimilar. Com que raio estava eu a sonhar? Tentei

recordar-me. Lembrava-me de Stark me dar um beijo antes de adormecermos. Lembrava-me de que o beijo tinha sido uma maravilha, mas eu estava tão cansada que, em vez de fazer mais do que simplesmente retribuir, pusera a cabeça no ombro dele e apagara completamente. Depois disso, não me recordava de nada, até ele me sacudir e dizer para parar com isso.

— Não faço a mais pálida ideia — respondi com toda a sinceridade.

— Não é preciso mentires-me.

— Stark, eu nunca te mentiria. — Tirei o cabelo dos olhos e depois toquei-lhe no braço. — Não me lembro de sonhar com coisa alguma.

Aqui ele olhou para mim. Com olhos tristes.

— Estavas a chamar pelo Heath. Eu estou a dormir aqui mesmo ao teu lado, mas tu estavas a chamar por ele.

Ouvir isto provocou-me um aperto no coração. Detestava tê-lo magoado. Podia ter-lhe dito que era parvoíce estar zangado por qualquer coisa que eu dissera a dormir – coisa de que nem sequer me lembrava mas, parvoíce ou não, Stark estava mesmo melindrado. Pus a mão na dele.

— Ouve — disse baixinho. — Desculpa.

Ele entrelaçou os dedos nos meus.

— Preferias que ele estivesse aqui em vez de mim?

— Não — respondi. Eu gostara de Heath desde pequena, mas não trocaria Stark por ele. Claro que o resto da verdade era que, se tivesse sido Stark a morrer, eu também não trocaria Heath por ele, mas Stark não precisava nada de ouvir isso – nem naquele momento, nem nunca.

Gostar de dois rapazes era uma confusão pegada, mesmo quando um deles estava morto.

— Então não o andas a chamar porque queres estar com ele em vez de comigo?

— Eu quero-te a ti. Juro. — Avancei e ele abriu os braços. Encaixei-me perfeitamente no peito dele e inalei o seu cheiro.

Ele deu-me um beijo no alto da cabeça e abraçou-me.

— Sei que é uma estupidez ter ciúmes de um morto.

— Pois — disse eu.

— Especialmente quando eu até gostava do morto.

— Pois — repeti.

— Mas nós fomos feitos um para o outro, Z.

Afastei-me para o poder fitar.

— Sim — disse com toda a seriedade. — Fomos. Nunca te esqueças disso, se faz favor. Por mais maluqueira que haja à nossa volta. Eu aguento, mas preciso de saber que o meu Guerreiro está comigo.

— Sempre, Z, sempre — disse ele. — Eu amo-te.

— Eu também te amo, Stark. Sempre. — Beijei-o e mostrei-lhe que não tinha nada que ter ciúmes de ninguém. Ao mesmo tempo, só por um tempo, deixei que o calor do amor dele queimasse a recordação do que eu vira quando olhara para a Pedra Vidente nessa noite...

A seguir acordei outra vez, mas porque tinha muito calor. Ainda estava nos braços do Stark, mas ele mexera-se e pusera uma perna em cima de mim, e eu ficara toda enrolada na manta quentinha. Dessa vez ele não estava a ser Namorado Louco. Estava giro, parecia um rapazinho e apagara completamente.

Como de costume, *Nala* fizera cama na minha anca pelo que, antes que ela comesse a resmungar, peguei-lhe e deslizámos as duas no maior silêncio e com o maior cuidado para o outro lado da cama, mais fresco. Completamente a dormir, Stark fez um gesto vago com a mão da espada, como se tentasse tocar-me. Concentrei-me em pensamentos felizes: beber cola, sapatos novos, gatinhas que não me espirrassem para a cara, e ele descontraíu-se.

Eu também me tentei descontraír – a sério. *Nala* olhava para mim. Cociei-a atrás das orelhas e sussurrei:

— Desculpa ter-te acordado. Outra vez. — Ela encostou o focinho ao meu queixo, espirrou e depois regressou de um salto à manta azul, deu três voltinhas, e voltou a ser uma bola de pelo adormecida.

Suspirei. Tinha de fazer como *Nala* – enrolar-me e voltar a dormir, mas tinha a cabeça bem desperta. Com o despertar, veio o pensar. Quando acabámos de fazer amor, Stark murmurara: “Estamos juntos. O resto há de resolver-se”. Eu adormecera à confiança de que ele tinha razão.

Agora que estava triste e completamente consciente, não podia evitar o ciclo vicioso pensar muito / ralar muito. Não obstante, se Stark soubesse o que eu imaginava ter visto pela Pedra Vidente nessa noite, voltaria atrás na ideia de que *o resto haveria de se resolver*, e voltaria a ser Gajo Com Ciúmes do Morto.

Levei a mão à pedra que me pendia numa corrente de prata ao pescoço e que me chegava inocentemente aos seios. Parecia normal – como qualquer outro colar que eu pudesse usar. Não irradiava nenhum calor estranho. Tirei-a de debaixo da t-shirt e levantei-a devagar. Respirei fundo para me fortalecer e vi Stark através dela.

Não aconteceu nada estranho. O Stark continuou a ser o Stark. Virei

o colar um pouco e espireitei *Nala*. Continuou a ser uma gata gorda, cor de laranja, adormecida.

Pus a Pedra Vidente por baixo da roupa. E se tivesse imaginado tudo? A sério. Como é que Heath poderia estar em Aurox? Até Tanatos dissera que ele fora criado pela Escuridão com o sacrifício da minha mãe. Ele era um Veículo – uma criatura controlada por Neferet.

Porém, ela precisara de matar *Facho de Sombra* para o controlar *completamente*, e ele fizera aquelas perguntas sobre o que seria realmente a Tanatos.

Pronto, mas isso faz alguma diferença? Aurox não era Heath. Heath morrerá. Fora para um espaço mais fundo no Outro Mundo aonde eu não pudera ir *porque Heath morrerá*.

A refletir a minha inquietude, Stark mexeu-se e franziu o sobrolho a dormir. A gata tornou a resmungar. Nem por sombras eu os queria acordados outra vez, pelo que saí da cama e do quarto em bicos de pés, passei por baixo da manta que nos servia de porta, a mim e a Stark.

Cola. Eu precisava de uma bela dose de cola. Talvez até tivesse sorte e houvesse cereais *Count Chocula* e leite que ainda não tivesse azedado. *Nham*, só de pensar nisso, já me sentia um pouco melhor. Eu cá adoro os cereais do pequeno-almoço.

Desci o túnel mal alumiado a arrastar os pés, passei por curvas e outras mantas a servirem de porta onde dormiam os meus amigos enquanto esperávamos que o Sol se pusesse, até entrar na alcova que era a sala comum e servia de cozinha. O túnel mais ou menos acabava ali, dando espaço para mesas, computadores portáteis e três frigoríficos de tamanho regular.

— Tem de haver cola algures aqui dentro — resmunguei, e comecei a procurar no primeiro frigorífico.

— Está no outro.

Soltei um guinchinho estúpido e até saltei.

— Credo, Shaylin, não apareças assim! Ia fazendo chichi nas cuecas com o susto.

— Desculpa, Zoey. — Ela foi ao segundo frigorífico e tirou uma lata de cola completamente cafeinada e açucarada, e passou-ma com um sorriso pesaroso.

— Não devias estar a dormir? — Sentei-me na cadeira mais próxima e comecei a beber a cola, mas tentei não soar tão rabugenta como me sentia.

— Pois sim, até estou cansada e tudo. Sinto que o Sol ainda não se pôs, mas tenho muito em que pensar. Sabes o que quero dizer?

Resfoleguei um pouquinho.

— Sei muitíssimo bem o que queres dizer.

— A tua cor está um bocadinho baça. — Shaylin fez o comentário com o ar desprendido de quem fala de uma coisa tão normal como a cor da minha roupa.

— Shaylin, não percebo bem essa cena das cores de que falas.

— E eu também não sei bem se percebo tudo. Só sei que vejo e que, se não pensar muito nisso, geralmente me faz sentido.

— Está bem, dá-me um exemplo de quando geralmente te faz sentido.

— Isso é fácil. Vais ser tu o exemplo. As tuas cores não mudam muito. A maior parte do tempo, és púrpura com pozinhos de prata. Mesmo quando estavas a preparar-te para o ritual em casa da tua avó, e sabias que não ia ser fácil assistir àquilo, as tuas cores continuaram na mesma. Eu vi porque... — Aqui ela calou-se.

— Tu viste porque...? — encorajei.

— Porque tinha curiosidade. Vi as cores da manada dos marados antes de saíres mas, bem, acabei de me aperceber de que é invasão de privacidade.

Olhei para ela de sobrolho franzido.

— Não é que nos estejas a ler os pensamentos, nem nada, pois não?

— Não! — exclamou ela. — Mas quanto mais tempo passa desde que tenho isto da Verdadeira Visão, e quanto mais a treino, mais real me parece. Zoey, acho que me indica coisas sobre as pessoas: coisas que as pessoas até prefeririam esconder.

— Como a Neferet. Disseste que ela era da cor dos olhos dos peixes mortos, por dentro, e ela por fora é espampanante.

— Pois, isso. Mas também gosto do que vejo em ti. Lá diria a Kramisha, estou a meter o nariz onde não sou chamada.

— Porque não me contas o que vês em mim, e eu te direi se estás ou não a meter o nariz onde não és chamada?

— Bom, desde que voltaste do ritual em casa da tua avó, as cores são mais escuras. — Ela calou-se, olhou para mim, abanou a cabeça e depois corrigiu-se. — Não, não é bem assim. Não é estarem mais escuras, também estão mais turvas. Como se púrpura e prata se tivessem misturado e embaçado.

— Está bem — disse eu devagar, e comecei a perceber a que se referia ela com a *invasão de privacidade*. — Percebo que vês diferença em mim, e é assim estranho, especialmente porque disseste que as minhas cores não costumam mudar. Mas que sentido é que tem para ti?

— Ah, sim, desculpa. Acho que quer dizer que andas confusa com alguma coisa. Alguma coisa séria. Está a incomodar-te. Está a dar-te cabo da cabeça. Estou mais ou menos certa?

Assenti.

— Estás mais ou menos certa.

— E tu sentes-te esquisita por eu saber?

Tornei a assentir.

— Sim, um pouco. — Pensei melhor e acrescentei: — Mas a verdade é esta: sentir-me-ia menos esquisita se soubesse que poderia confiar em ti para não contares a toda a gente que as minhas cores estão turvas e que ando mesmo confusa com qualquer coisa. Aí é que está a invasão de privacidade.

— Pois. — Ela parecia triste. — Foi o que eu pensei também. Quero que saibas que podes confiar em mim. Nunca fui de mexericos. Além disso, esta dádiva que Nyx me deu quando fui Marcada, bem, é completamente incrível. *Zoey, eu consigo ver outra vez.* — Parecia que Shaylin ia desatar a chorar. — Não quero dar cabo disto. Vou usar a dádiva da maneira que Nyx quer que eu use.

Via-se bem que estava transtornada, e tive pena dela – tive ainda mais pena por ser responsável por esse transtorno.

— Ouve, Shaylin, não faz mal. Eu compreendo o que é ter um dom que nos dá grande responsabilidade e não querer dar cabo de tudo. Raios, estás a falar com a Rainha Dá Cabo de Tudo. — Calei-me, mas depois acrescentei: — Faz parte da confusão que sinto agora. Não quero nada tomar outra decisão imatura, estúpida, errada. O que faço e digo afeta mais do que a mim mesma. Quando tomo decisões de trampa, é como um efeito dominó. Iniciados, vampyros e humanos, podem sair todos a perder. É uma seca, mas não muda o facto de eu ter um dom de Nyx e de ser responsável pelo uso que faço dele.

Shaylin refletiu nisto e eu bebi mais cola. Até estava a gostar de conversar com ela. Era muito melhor do que obcecar com Heath e Aurox e Stark e Neferet e...

— Pronto, e se for assim. — Shaylin interrompeu a minha obsessão interna. — E se eu vir as cores de alguém a mudarem? É minha responsabilidade contar a alguém? Alguém como tu?

— O que queres dizer? Tipo, chegas ao pé de mim e dizes: “Então, Zoey, as tuas cores estão todas turvas, o que se passa?”

— Sim, talvez, mas só se fôssemos amigas. Eu estava mais a pensar em hoje quando vi a Nicole. As cores dela eram como o resto do grupo do Dallas: todas como sangue, mescladas de preto e castanho, como uma

coisa a sangrar numa tempestade de areia. Ontem à noite, nos estábulos, as cores dela tinham mudado. Ainda havia cor de ferrugem, mas mais clara, mais aberta, e não me parece mau. Como se estivesse a limpar-se. É esquisito, mas juro que vi azul nela. Mas não era azul do céu. Era mais azul do mar. Isso é que me fez pensar que a negatividade dentro dela poderá estar a ser lavada e, depois de pensar nisso, pareceu-me acertado.

— Shaylin, o que estás a dizer parece-me muito confuso — observei.

— A mim, não! Cada vez me parece menos confuso. Eu simplesmente *sei* coisas.

— Percebo, e acredito que me estás a dizer a verdade. O problema é o teu *saber* ser tão subjetivo. É como se estivesses a dar notas à vida, e as pessoas são as respostas mas, em vez de as respostas-pessoas serem verdadeiras ou falsas, em que é fácil avaliar se vês certo ou errado, são ensaios. E isso significa que a tua reação pode depender de muitas coisas diferentes. Não há nada preto e branco. — Suspirei. A analogia até me estava a dar dores de cabeça.

— Mas, Zoey, a vida não é a preto e branco, nem verdadeira ou falsa, e as pessoas também não. — Ela bebeu um gole do refrigerante, e não era cola. Estava eu a pensar que não compreendia o gosto por refrigerantes que não fossem cola – não tinham caféina e nunca eram doces que bastasse – quando ela continuou: — Mas compreendo o que queres dizer. Tu acreditas que eu vejo as cores das pessoas, só não acreditas no meu discernimento.

Eu ia refutar, e dizer algo que a consolasse, mas houve qualquer coisa cá dentro que me fez mudar de ideias. Shaylin tinha de ouvir a verdade.

— Em suma, sim, é isso.

— Bem — disse ela; endireitou os ombros e ergueu o queixo. — Eu confio no meu discernimento. Acho que está cada vez melhor, e quero usar o meu dom para o bem. Sei que temos um combate pela frente. Ouvei o que a Neferet fez à tua mãe, e como ela escolheu a Escuridão em vez da Luz. Tu vais precisar de alguém como eu. Eu sei ver dentro das pessoas.

Tinha razão. Eu precisava mesmo do dom que ela tinha, mas também tinha de saber se poderia confiar no discernimento dela.

— Muito bem, vamos começar: e se andares de olhos bem abertos? Para me dizeres se vês a cor de alguém a mudar.

— A primeira mudança que quero reportar é a de Nicole. O Erik falou-me dela. Sei que foi mesmo mazinha no passado. Mas a verdade está nas cores dela, e as cores dizem que ela está a mudar.

— Está bem. Hei de ter isso em mente. — Depois olhei-a de sobrelho erguido. — Por falar em ter cenas em mente: não quero ser mazinha

nem nada disso, mas será melhor ficares de sobreaviso quanto ao Erik. Ele nem sempre é...

— Ele é arrogante e egoísta — interrompeu ela, e encarou-me sem vacilar. — Tem-se safado por ser giro e talentoso. A vida tem-lhe sorriso, mesmo depois de lhe dares uma tampa.

— Ele disse-te que lhe dei uma tampa? — Eu não sabia ver se ela estava a ser cabra ou não. Não parecia, mas eu também não a conhecia assim muito bem. Parecia sim que, de cada vez que eu a via, o Erik também estava presente. Não é que me ralasse. A sério. Não tinha ciúmes. Era mais sentir o dever de a avisar.

— Não foi preciso ele dizer-me. Houve cerca de um bilião de miúdos que se lhe adiantaram — disse ela.

— Não tenho ressentimentos quanto ao Erik. Quer dizer, ele pode andar com quem bem entender. Se gostas dele, eu não tenho problema nenhum com isso. — Apercebi-me de que estava a tagarelar desalmadamente, mas não conseguia parar. — Ele também já não quer nada comigo. Acabou mesmo. É só que o Erik...

— É um imbecil. — A voz de Afrodite salvou-me. Passou por nós, a bocejar, e meteu a cabeça dentro de um dos frigoríficos. — E agora sabes a opinião de duas das ex-namoradas dele. “Ex” é a palavra de ordem aqui. — Ela veio até à mesa e pousou um jarro de sumo de laranja e uma garrafa do que achei ser champanhe caríssimo em frente a uma cadeira vazia a meu lado. — Claro que a Z não lhe chamou imbecil. Estava a ser simpática. — Afrodite ia falando e voltou ao frigorífico. Abriu o congelador e ouviu-se copos a tilintar. Quando voltou à mesa, trazia na mão uma *flûte* de cristal gelada como aquelas que se veem nas festas de Ano Novo na televisão. — Eu não sou simpática. Im-be-cil. É assim o nosso Erik. — Afrodite tirou a rolha à garrafa de champanhe, deitou sumo de laranja na *flûte* e encheu-a quase até ao bordo com o champanhe que fazia muitas bolhinhas. Depois sorriu para a *flûte* e disse: — Mimosa: como diria a mãe, *pequeno-almoço de campeões*.

— Eu sei o que o Erik é — disse Shaylin. Não parecia zangada. Não parecia contente. Parecia segura de si. — Também sei o que tu és.

Afrodite ergueu uma sobrancelha muito loura e bebeu um longo trago de mimosa.

— Não me digas.

Ai ai, pensei eu. Acho que devia ter feito algo para impedir o que se ia passar, mas era um pouco como estar na linha do comboio a tentar empurrar um carro dali para fora. Era mais provável ficar esmagada do que salvar o carro. Limitei-me a abrir muito os olhos e a beber cola.

— Tu és prateada. Faz-me lembrar o luar, o que me diz que foste tocada por Nyx. Mas também tens um tom amarelo-manteiga, como a luz de uma vela pequena.

— E isso diz-te o quê? — Afrodite olhou para as unhas bem arranjadas, claramente sem ligar à resposta de Shaylin.

— Isso diz-me que, tal como uma vela pequena, podes apagar-te facilmente.

Afrodite semicerrou os olhos e deu uma palmada no tampo da mesa.

— Pronto, miúda nova. Já passei por muita trampa de luta contra a Escuridão para estar aqui a aturar-te as baboseiras e a mania de que sabes tudo. — Parecia pronta a atirar-se ao pescoço de Shaylin. Eu estava a pensar em ir buscar Dário a correr quando Stevie Rae entrou na cozinha, toda animada.

— Viva, minha gente! Bom-dia! — cumprimentou ela, e bocejou ruidosamente. — Credo, estou mesmo cansada. Ainda há *Mountain Dew* no frigorífico?

— Oh, merda para isto! Não é bom-dia, é boa-tarde. E porque é que toda a gente está acordada? — Afrodite atirou as mãos ao ar.

Stevie Rae olhou para ela de cenho franzido.

— É boa educação dizer bom-dia às pessoas, mesmo que não esteja objetivamente correto. E eu gosto de me levantar cedo. Não há nada de mal nisso.

— Ele é um pássaro! — exclamou Afrodite, e serviu-se de mais champanhe.

— Já estás a beber? — perguntou Stevie Rae.

— Já. Quem és tu? A versão campónia da minha mãe?

— Não, se eu fosse uma versão qualquer da tua mãezinha, não me importaria que bebesses ao pequeno-almoço, porque a tua mãezinha é passada da cabeça. — Stevie Rae pôs a lata de *Mountain Dew* outra vez no frigorífico. — Agora que penso nisso, beber refrigerantes ao pequeno-almoço também não deve ser grande ideia. Aposto que há *Lucky Charms* por aqui algures.

— São mágicos de tão deliciosos — comentou Shaylin. — Se encontrares, eu também queria.

— *Count Chocula*. — Dado que não parecia que Afrodite fosse matar alguém (de momento), a minha voz voltou ao normal. — Se vires uma embalagem disso, já tem dona.

— Qual é o mal das mimosas? — ironizava Afrodite. — Sumo de laranja para o pequeno-almoço.

— E a parte do champanhe? É álcool, não é? — continuava Stevie Rae.

— É *Veuve Clicquot* rosé. Significa que é champanhe do bom, o que invalida a parte do álcool — retrucou Afrodite.

— Tu acreditas mesmo nisso? — perguntou Shaylin.

A olhar para mim e a ignorar Shaylin desassombradamente, Afrodite perguntou:

— Aquilo está a falar para mim porquê?

— Dói-me a cabeça e ainda nem estamos de saída para as aulas — disse eu.

— Os estábulos quase ruíram num incêndio e a nossa Sumo-Sacerdotisa foi denunciada como semideusa assassina. Acho que podemos todos fazer gazeta hoje — disse Afrodite.

— Ai não, não — disse Stevie Rae. — Temos todos de ir às aulas precisamente por causa disso. Tanatos vai precisar de nós. Mais, o Dragão merece uma pira funerária. Vai ser mau, mas temos de lá estar.

Com isto, até Afrodite se calou. Continuou a beber enquanto Stevie Rae se servia de *Lucky Charms* e também deitava uma dose na tigela de Shaylin (cereais menores em relação aos *Count Chocula*, embora tenham marshmallows, sim, senhora), e todas fizemos um ar globalmente sombrio.

— Vou ter saudades do Dragão — disse eu. — Mas é muito fixe que ele esteja com a Anastasia outra vez. E o Outro Mundo é fabuloso. A sério.

— Tu viste-os mesmo a reencontrarem-se? — perguntou Shaylin, os olhos muito abertos.

— Vimos todos — respondi, a sorrir.

— Foi lindo — disse Stevie Rae, a fungar e a secar os olhos.

— Pois foi — disse Afrodite baixinho.

Shaylin pigarreou.

— Ouve, Afrodite, eu não queria ser mazinha há bocado, e estive mal. Não devia usar o meu dom assim. Tu tens mesmo uma chama amarela tremeluzente dentro da tua cor de luar, mas não é porque te vás apagar. Faz parte do teu carácter único, do teu calor. Eis a verdade: é pequena e está escondida porque tu escondes bem o quanto és calorosa e boa, a maior parte do tempo. Mas isso não invalida que a cor lá esteja. Portanto, desculpa.

Afrodite virou uns olhos azuis muito frios para Shaylin e citou:

— “Aquilo põe o creme no balde”.¹

¹ Citação do filme *O Silêncio dos Inocentes*, quando o vilão fala com a prisioneira que tem dentro de um poço. (N. da T.)

— Oh, caraças — disse eu. — Afrodite, bebe lá o pequeno-almoço. Shaylin, este é um bom exemplo do que eu e tu falávamos há pouco. Eu não questiono o teu dom. Não duvido dele. Só tenho dúvidas quanto ao teu discernimento a interpretá-lo.

— Eu interpretei-o na perfeição — insistiu Shaylin, e parecia aborrecida e na defensiva. — Mas a Afrodite chateou-me, e por isso meti os pés pelas mãos. Já pedi desculpa.

— Pedido recusado — disse Afrodite, e virou costas a Shaylin.

Foi então que Damien entrou de rompante na cozinha, de iPad na mão e com um ar mais desleixado do que quando saía daquilo a que chamava fase de rejuvenescimento. Dirigiu-se logo a mim, ergueu o iPad e declarou:

— Vocês têm de ver isto!

Ao princípio, tive alguma curiosidade, quando vi a pivô do noticiário da noite da Fox 23, Chera Kimiko, linda de morrer. Nós cá adoramos a Chera. Como se não bastasse ser linda ao nível de qualquer vampyra, também era uma pessoa a sério, e não uma simples cabeça falante boneca de plástico como acontece em tantos programas noticiosos.

Afrodite espreitou por cima do meu ombro para o iPad de Damien.

— A Kimiko é um clássico. Nunca me hei de esquecer daquela vez que ela cuspiu a pastilha elástica mesmo no meio do noticiário. Achei que o pai ainda se punha a cagar gatinhos porque...

— A Chera é ótima, mas isto é *péssimo* — interrompeu Damien. — E grave. A Neferet acabou de dar uma conferência de imprensa.

Raios me partam...



SEXTO CAPÍTULO

Zoey

Todos nos amontoámos em redor do iPad do Damien. Ele premiu o botão e o vídeo da Fox 23 começou a passar. No fundo do ecrã via-se a legenda: *CAOS NA CASA DA NOITE DE TULSA?* Depois o ecrã encheu-se de Neferet e de um monte de homens de fato e gravata. Ela estava num sítio mesmo bonito – cheio de mármore e *art déco*. Comecei a reconhecer o local. Chera Kimiko falava mas não se via.

— *Vampyros e violência? Os telespetadores ficarão admirados ao ver quem confirma. A Fox 23 tem o exclusivo de uma antiga Sumo-Sacerdotisa da Casa da Noite de Tulsa.*

Apareceu um anúncio estúpido e, enquanto Damien tentava passar à frente, eu disse:

— Na imagem parece que ela está algures na baixa.

— É no átrio do edifício Mayo — disse Afrodite secamente. — E atrás dela está o meu pai.

— Oh minha nossa *senhora!* — Stevie Rae estava de olhos arregalados. — Ela está a dar uma conferência de imprensa com o presidente da Câmara?

— E alguns vereadores. O resto dos engravatados que está com ele — disse Afrodite.

Depois o vídeo recomeçou e todos nos calámos e ficámos embasbacados.

— *Estou aqui, pública e oficialmente, para cortar relações com a Casa da Noite de Tulsa e o Alto Conselho dos Vampyros.* — Neferet conseguia parecer, sabe-se lá como, régia e vítima ao mesmo tempo.

— Esta mulher é só tretas — disse Afrodite.

— Chiu! — Todos a mandámos calar.

— *Sumo-Sacerdotisa Neferet, porque é que haveria de cortar relações com a sua gente?* — perguntou um dos repórteres.

— *Não poderemos ser considerados uma só gente? Não seremos todos gente inteligente com capacidade de nos amarmos e compreendermos uns aos outros?* — Só podia ser uma pergunta retórica porque ela não esperou resposta. — *A política dos vampyros tem vindo a desagradar-me. Muitos de vós saberão que abri recentemente à comunidade de Tulsa a possibilidade de emprego na Casa da Noite. Fi-lo na convicção de que humanos e vampyros podem fazer mais do que simplesmente coexistir pouco à vontade. Podemos viver e trabalhar e até amar em conjunto.*

Stevie Rae fingia que ia vomitar. Eu continuei a abanar a cabeça por não acreditar no que os meus olhos viam.

— *Houve tanta resistência do Alto Conselho dos Vampyros que até mandaram a sua Sumo-Sacerdotisa da Morte, Tanatos, vir interceder a Tulsa. A atual administração vampyrica promove a violência e a segregação, basta vermos os últimos seis meses e a violência crescente em certas zonas de Tulsa. Acreditam mesmo que todas as agressões, especialmente aquelas com derramamento de sangue, foram obra de gangues humanos?*

— *Sumo-Sacerdotisa, está a admitir que os vampyros têm agredido humanos em Tulsa?*

Neferet levou a mão ao pescoço num gesto teatral.

— *Se eu soubesse disso com certeza absoluta, teria ido imediatamente dar parte à polícia. Só tenho suspeitas e preocupações. Também tenho consciência, e por isso é que saí da Casa da Noite.* — O sorriso dela era luminoso. — *Por favor, já não é preciso tratar-me por Sumo-Sacerdotisa. Agora sou simplesmente Neferet.*

Mesmo no vídeo, pude ver o repórter a corar e a sorrir para ela.

— *Tem havido boatos de um novo vampyro, com Marcas vermelhas. A Neferet pode confirmar tais boatos?* — perguntou outro repórter.

— *Infelizmente, posso. Há deveras um novo tipo de vampyro; e de iniciado. Aqueles que são Marcados a vermelho são desviantes em algum aspeto.*

— *Desviantes? Pode dar-nos um exemplo?*

— *Certamente. O primeiro que me ocorre é James Stark, um iniciado que veio de Chicago depois de causar acidentalmente a morte do seu orientador. Tornou-se no primeiro Guerreiro vampyro vermelho.*

Fiquei boquiaberta.

— *A cabra está a falar do teu namorado!* — rosnou Afrodite.

— *Ainda esta noite, aquele que foi o Mestre de Esgrima da escola*

durante tanto tempo, Dragão Lankford, foi assassinado, escornado por um touro. Lankford estava com James Stark quando o acidente — ela sublinhou a palavra para dar a entender que não acreditava — se deu.

— A Neferet está a dizer que o vampyro Stark é perigoso?

— Receio bem que sim. Aliás, muitos dos novos iniciados e vampyros podem ser. Afinal, a nova Sumo-Sacerdotisa da Casa da Noite de Tulsa é a Morte.

— Não se importa de desenvolver...

Um dos homens de fato e gravata avançou e interrompeu Neferet.

— Eu estou, mais do que muitos, preocupado com estes desenvolvimentos na comunidade vampyrica. Como muitos sabem, a minha querida filha, Afrodite, foi Marcada há quase quatro anos. Compreendo muito bem que os vampyros não gostem que os humanos se imiscuem nas suas questões pessoais, políticas ou criminais. Há muito tempo que são polícias da sua própria gente. Porém, deixem-me garantir-lhes, e à Casa da Noite local que, por resolução da edilidade de Tulsa, vamos criar um comité de observação das relações entre vampyros e humanos. Receio que não tenhamos mais tempo para responder a questões hoje. — O homem que avançara e se apoderara do microfone de Neferet era o pai de Afrodite, o presidente da Câmara de Tulsa. — Tenho mais uma declaração a fazer. Com efeito imediato, Neferet foi incluída no comité de vereadores da Câmara com o cargo de Agente de Ligação aos Vampyros. Nunca é de mais reiterar que Tulsa pretende ter parceiros em vampyros que queiram viver em paz com os humanos. — Quando os repórteres desataram a falar todos ao mesmo tempo, ele levantou a mão, e fez um sorriso algo condescendente (o que me fez lembrar Afrodite). — Neferet irá escrever uma coluna semanal no Tulsa World's Scene. Por agora será esse o fórum onde ela responderá à vossa miríade de questões. Tenham em mente que estamos no princípio de uma parceria aqui. Temos de avançar lenta e gentilmente para garantir que não perturbamos o delicado equilíbrio das relações entre humanos e vampyros.

Eu estava a olhar para a cara de Neferet em vez da do presidente da Câmara e vi como ela semicerrava os olhos e ganhava um semblante empedernido. Depois Charles LaFont acenou para a câmara e a imagem voltou a Chera Kimiko em estúdio. Damien tamborilou no ecrã e este apagou-se.

— Ora, merda para isto! O pai perdeu o que lhe restava da cabeça por viver com a mãe! — exclamou Afrodite.

— Eh lá, achei que estavam a chamar por mim. — Era Stark, a passar os dedos pelo cabelo todo despenteado e a brindar-me com o seu meio sorriso sexy e convencido.

— A Neferet acabou de dar uma conferência de imprensa e disse a toda a gente que tu és um assassino perigoso — dei comigo a dizer-lhe.

— Ela fez o quê? — Ele parecia tão chocado como eu me sentia.

— Pois, e fez mais do que isso — atalhou Afrodite. — Meteu-se com o meu pai e fez com que a cidade a mostre toda boazinha, e a nós todos sanguessugas.

— Olha, pois tenho notícias para ti, Afrodite — disse Stevie Rae. — *Tu já não és sanguessuga.*

— Francamente. Como se os meus pais soubessem alguma coisa de mim. Não falo com nenhum deles há meses. Só sou filha deles quando lhes é conveniente, como agora.

— Se não metesse tanto medo até teria graça — disse Shaylin.

— Neferet está a dar a entender que foi ela a separar-se do Alto Conselho dos Vampyros e da escola, em vez de ser expulsa por matar a minha mãe — expliquei a Stark.

— Ela não pode fazer isso — disse ele. — O Alto Conselho dos Vampyros não a vai deixar fazer isso.

— O meu pai está a adorar isto — disse Afrodite. Reparei que ela pusera o champanhe de lado e que enchia o copo só com sumo de laranja. — Há anos que tenta arranjar maneira de se dar com vampyros. Depois de ultrapassarem o desgosto de eu não ser um clone da minha mãe, até ficaram contentes por eu ter sido Marcada.

Eu estava a observar Afrodite e a recordar-me do dia, que já parecia tão distante, em que ouvi por acaso os pais dela mesmo zangados por ela ter perdido a liderança das Filhas das Trevas para mim. Afrodite parecia a rainha do gelo do costume naquele momento, mas eu lembrava-me bem do estalo que a mãe lhe dera e das lágrimas que ela se esforçara por engolir. Só podia ser penoso ouvir o pai chamar-lhe “querida filha” quando parecia que, na verdade, ele só a queria usar.

— Porquê? O que é que os teus pais querem com os vampes? — perguntou Stevie Rae.

— Acesso a mais dinheiro, mais poder, mais beleza. Dito de outro modo, querem fazer parte da malta fixe. Nunca quiseram outra coisa: serem fixos e poderosos. Usam quem quer que seja para atingirem os seus fins, incluindo eu e, obviamente, Neferet — respondeu Afrodite, num bazarro eco dos meus pensamentos.

— Neferet não é a maneira de conseguirem nada disso — observei.

— Não me digas, Z, ela é mais doida do que um rato numa latrina de lata — disse Stevie Rae.

— Pois, seja lá o que isso quer dizer, mas não é só isso. Mais alguém reparou no ar da Neferet enquanto o pai da Afrodite falava? Ela não gostou nada do rumo que as coisas tomaram — disse eu.

— Um comité, uma coluna no jornal, avançar lenta e gentilmente não parecem coisas em que a Consorte da Escuridão esteja particularmente interessada — comentou Damien.

— E não lhe agradou mesmo nada quando o presidente da Câmara contornou a questão de tu seres perigoso — disse eu.

— Eu gostava era de ser perigoso para a Neferet! — vociferou Stark, ainda com ar chocado.

— O meu pai é muito bom a prometer uma coisa e a fazer outra — disse Afrodite. — Posso dizer-lhes desde já que ele acha que pode fazer esse jogo com a Neferet. — Ela abanou a cabeça. Por mais cínica que fosse, Afrodite tinha uma expressão tensa.

— Temos de ir para a Casa da Noite. Já. Se Tanatos não souber já disto, tem de saber — afirmei.

Neferet

Os humanos são tão aborrecidos, fracos e feios, pensou Neferet, a ver o presidente da Câmara, Charles LaFont, acobardar-se e contemporizar e continuar a evitar perguntas diretas sobre perigo, mortes e vampyros depois da conferência de imprensa. Mesmo este homem, que uns princípios de boato davam como fadado para um lugar no senado, e de quem se dizia ser carismático e dinâmico... Neferet teve de dissimular uma gargalhada sarcástica com um ataque de tosse. Aquele homem não era ninguém. Neferet esperava mais do pai de Afrodite.

Pai! Uma voz ecoou do passado, sobressaltou-a e fê-la agarrar-se melhor à balastrada de ferro em filigrana. Neferet teve de tossicar outra vez para ocultar o estalido do ferro forjado quando tirou a mão. Foi aqui que ficou sem paciência.

— Dr. LaFont, não se importa de me acompanhar à minha suite. — Devia ser uma pergunta, mas o tom de voz de Neferet não o deixou transparecer. Os quatro vereadores que tinham estado na conferência de imprensa e o presidente da Câmara viraram-se todos na direção dela. Neferet achava-os claros como água.

Todos a achavam linda e desejável.

Dois deles a ponto de estarem dispostos a abandonarem esposas, famílias e carreiras para se deitarem com ela.

Charles LaFont não era um deles. O pai de Afrodite desejava Neferet – isso era indubitável – mas o principal desejo não era sexual. A maior necessidade de LaFont era alimentar a obsessão da esposa por posição e triunfo social. Era uma pena, realmente, não se poder seduzi-lo com mais facilidade.

Todos tinham medo dela.

Isso fez Neferet sorrir.

Charles LaFont pigarreou e ajeitou a gravata num gesto nervoso.

— Com certeza, com certeza. Será um prazer acompanhá-la.

Neferet fez um aceno de cabeça frio para os outros homens e não ligou aos olhares abrasadores deles; entrou com LaFont no elevador e subiram para a suite no último andar.

Neferet não falou. Sabia que ele estava nervoso e muito mais inseguro do que queria dar a entender. Em público, ele afivelava uma máscara de encanto e presunção. Mas Neferet via o humano assustado e gemebundo que se escondia abaixo da superfície.

A porta do elevador abriu-se e ela saiu para o átrio de mármore.

— Venha tomar uma bebida comigo, Charles. — Neferet não lhe deu oportunidade de recusar. Avançou para o bar ricamente decorado ao estilo *art déco* e encheu dois copos de vinho tinto encorpado.

Tal como sabia que ele faria, o presidente da Câmara foi atrás dela.

Neferet passou-lhe um dos copos. Ao vê-lo hesitar, ela riu-se.

— É apenas um *cabernet* muito caro, não foi temperado com sangue.

— Pois, de facto. — Ele pegou no copo e soltou uma risadinha nervosa, que lembrou a Neferet um cãozinho de senhora.

Neferet abominava cães quase tanto quanto abominava homens.

— Eu tinha mais para revelar hoje do que apenas informações sobre James Stark — disse ela friamente. — Creio que a comunidade merece compreender o nível de perigo que os vampyros da Casa da Noite constituem.

— E eu creio que a comunidade não tem de entrar em pânico desnecessariamente — contrapôs LaFont.

— Desnecessariamente? — Neferet disse a palavra com acutilância.

LaFont assentiu e cofiou o queixo. Neferet teve a certeza de que ele se achava com um ar muito sábio e benevolente. Aos olhos dela, parecia fraco e ridículo.

Foi então que Neferet lhe reparou nas mãos. Eram grandes e pálidas, com dedos grossos que, embora grandes, pareciam macios e quase femininos.

Neferet sentiu um aperto no estômago. Quase se engasgava com o vinho quando perdeu a compostura.

— Neferet? Encontra-se bem? — perguntou ele.

— Muito bem — respondeu ela rapidamente. — Mas algo confusa. O Charles está a dizer que, ao alertar Tulsa para os perigos destes novos vampyros, estaria a lançar o pânico desnecessariamente?

— É exatamente o que estou a dizer. Depois da conferência de imprensa, Tulsa estará de sobreaviso. Não será tolerada mais violência; será eliminada.

— Deveras? Como é que tenciona eliminar a violência dos vampyros? — A voz de Neferet era enganadoramente amável.

— Pois é muito simples. Vou continuar aquilo que encetámos hoje. A Neferet alertou o público. Como Agente de Ligação do comité recentemente criado entre a edilidade e o Alto Conselho, a Neferet será a voz da razão a falar em prol da coexistência entre humanos e vampyros.

— Então é com palavras que o Charles tenciona eliminar a violência deles — resumiu ela.

— Palavras faladas e escritas, sim — assentiu ele, com um ar por demais presunçoso. — As minhas desculpas se não fui atempado com o anúncio da coluna no jornal. Foi uma ideia de última hora do meu amigo Jim Watts, redator sénior do destacável *Scene* do *Tulsa World*. Eu teria falado com a Neferet sobre isso antes mas, desde que apareceu no meu gabinete esta tarde com o alerta, as coisas passaram bem depressa para o domínio público.

Porque eu assim as arquitetei – porque eu espicacei o seu inepto aparelho político a agir. Agora é tempo de o levar a si a agir como já fiz a jornalistas e vereadores.

— Reticência e palavras escritas não eram o que eu tinha em mente quando o procurei, Charles — disse ela.

— Talvez não, mas eu estou na política do Oklahoma há quase vinte anos, conheço bem a minha gente. Um empurrãozinho lento e descontraído é o que funciona com ela.

— Como levar gado para o curral? — ironizou Neferet, sem ocultar o desdém na voz.

— Bom, eu não usaria essa analogia, mas tenho vindo a confirmar que formar um comité, fazer pesquisa, sondar a comunidade, obter

uma amostragem do retorno, tudo isso cria uma peça bem oleada na engrenagem da política camarária. — LaFont galhofou e bebeu mais vinho.

Escondida nas pregas do vestido de veludo, Neferet fechou a mão em punho e apertou até as unhas como garras se enterrarem na polpa. Gotas quentes e escarlates assomaram debaixo das unhas. Invisíveis ao humano ignorante, os tentáculos da Escuridão rastejaram pela perna de Neferet acima, em busca... encontraram... beberam...

Sem ligar ao calor gelado daquela dor tão conhecida, Neferet encanou LaFont por cima do copo de vinho, e começou a falar numa voz baixa e melodiosa:

*A paz com os vampyros não é o teu desejo.
Eles brilham como fogo, é muita a tua inveja.
Reticência e palavras escritas são um erro
Tens de fazer o que eu que...*

O telemóvel de LaFont começou a tocar. Ele pestanejou e o véu turvo que lhe toldava o olhar dissipou-se. Pousou o copo de vinho, tirou o telemóvel do bolso, semicerrou os olhos e disse:

— É o chefe da polícia. — Depois tocou no ecrã e passou a mão pela cara. — Dean, ainda bem que me liga. — LaFont assentiu e depois olhou para Neferet. — Vai desculpar-me, com certeza, mas tenho mesmo de atender. Não tardarei a contactá-la acerca do comité e da coluna de Perguntas & Respostas.

O presidente da Câmara bateu rapidamente em retirada para o elevador e Neferet ficou sozinha, tirando os tentáculos famintos da Escuridão.

Deixou que bebessem dela mais uns compassos do coração e depois afugentou-os e lambeu as feridas da palma da mão para que fechassem e sarassem.

Os tentáculos pairavam à volta dela, pareciam um ninho de cobras flutuantes, ansiosos pelas ordens dela.

— Agora estão a dever-me um favor — disse ela. Pegou no telefone fixo e marcou o número de Dallas.

Quando ele atendeu, parecia zangado.

— É bom que tenha morrido alguém para me ligarem a esta hora, porra!

— Caluda, rapaz! Escuta e obedece. — Neferet sorriu perante o silêncio que se seguiu a esta ordem sua. Quase podia cheirar o medo dele

pelo telefone. Depois falou depressa, e foi ganhando mais certezas e dominando o mau génio enquanto instruía o vampyro vermelho.

— A escola não tarda a saber que cortei relações com a Casa da Noite e ingressei na vereação de Tulsa. Tu sabes, claro, que só tenciono usar esses humanos para desencadear conflitos. Até eu regressar abertamente, tu serás as minhas mãos, os meus olhos e ouvidos na Casa da Noite. Finge que te queres dar bem com o resto da escola agora que eu me fui embora. Ganha a confiança dos professores. Cria amizades entre os iniciados azuis, e depois faz o que os adolescentes sabem fazer melhor: traição pelas costas, lançar boatos, formar grupinhos.

— A manada dos marados da Zoey não vai confiar em mim.

— Mandei-te calar, ouvir e obedecer! Claro que não podes ganhar a confiança de Zoey, ela está demasiado próxima de Stevie Rae para isso. Mas podes perturbar aquele circulozinho dela; não é tão coeso como parece. Procura as Gémeas, particularmente Erin. É mais fácil manipular e transmutar água do que fogo. — Ela calou-se, à espera que ele mostrasse compreender as ordens. Como ele nada dizia, ela vociferou: — Agora podes falar!

— Compreendo, Sumo-Sacerdotisa. Assim farei — assegurou ele.

— Excelente. Aurox já regressou à Casa da Noite?

— Ainda não o vi. Pelo menos, não foi chamado connosco e levado para o dormitório depois do incêndio. Foi a Neferet... Quem causou o incêndio? — perguntou Dallas, hesitante.

— Sim, embora tenha sido um acidente fortuito mais do que manipulação propositada. A destruição foi extensa?

— Bom, ardeu parte dos estábulos e causou grande confusão — respondeu ele.

— Morreram alguns cavalos e iniciados? — perguntou ela avidamente.

— Não. O cowboy humano ficou ferido, mas mais nada.

— Que desilusão. Pronto, vai fazer o que te mandei. Quando eu voltar a controlar a Casa da Noite e governar enquanto Tsi Sgili, Deusa de todos os Vampyros, serás ricamente recompensado. — Neferet premiu o botão para desligar a chamada.

Estava a bebericar o vinho e a ponderar numa morte lenta e dolorosa para Charles LaFont quando um ruído vindo do quarto lhe chamou a atenção. Esquecera-se do bagageiro que namoriscara atrevidamente com ela quando Neferet chegara ao princípio da noite. Estivera totalmente disposto a dar-lhe de beber nessa altura. Agora estaria menos disposto, pois já se teria apercebido de que ela o sugara quase a

ponto de ficar exangue. Neferet pôs-se de pé e levou o copo de vinho meio vazio para o quarto. Iria saborear o medo dele no que lhe restava de sangue.

Neferet sorriu.